Jorge de Oliveira

ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

(Separata)



Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÁN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 11-62

ابن مروان
IBN MARUAN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Título
Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design gráfico
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

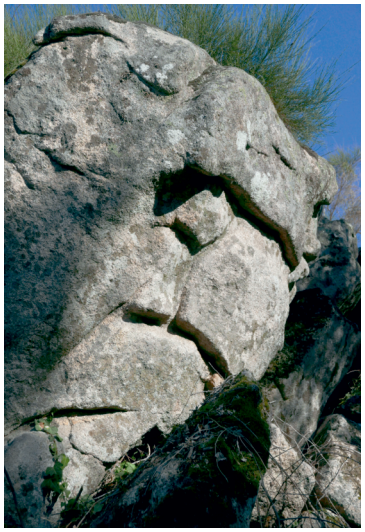
ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

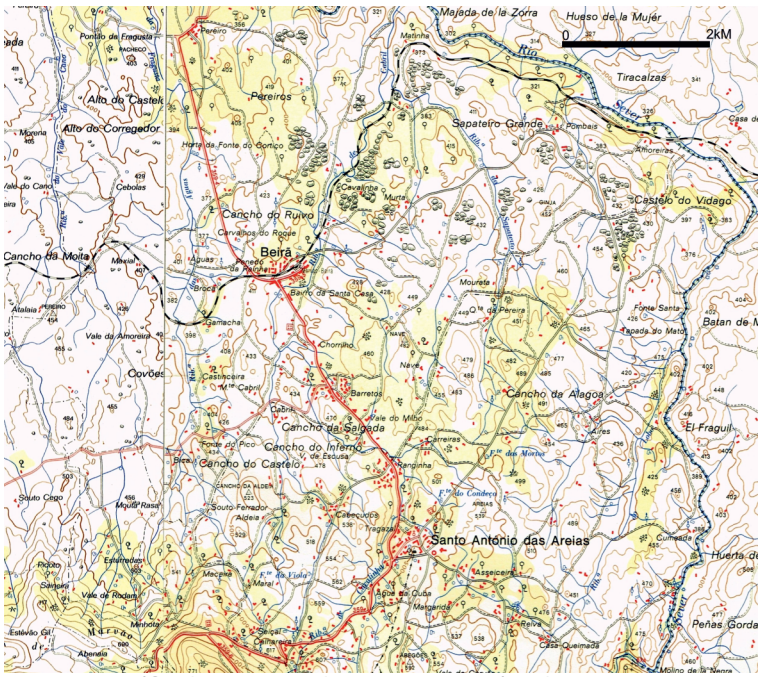
Marvão, Março de 2021

Jorge de Oliveira
(CHAIA / Univ. de Évora)

ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS E BEIRÃ

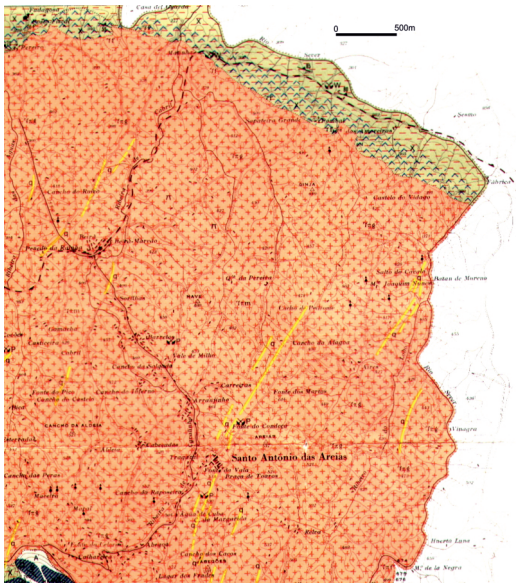

Caos de blocos de granito

O território ocupado hoje pelas duas freguesias a norte de Marvão, Santo António das Areias e Beirã, é indelevelmente marcado pelo Rio Sever e ribeiras suas tributárias. Solos medianos intervalados por caos de blocos de granito, ou pendentes moderadas de solos xistosos assomando-se ao Rio Sever, predominantemente de classe D e E, caracterizam esta região. Aparentemente, com esta descrição, pensar-se-ia que este território, relativamente pobre do ponto de vista agrícola, teria sido rejeitado pelas primeiras comunidades humanas que por esta zona do Alentejo deambularam ou se estabeleceram, ainda que temporariamente, numa primeira fase. Em boa verdade estes solos de mediana capacidade (C, D e E) foram os eleitos pelas primeiras comunidades, sobretudo os que eram directamente banhados pelo Rio Sever. As primeiras comunidades de caçadores e recolectores encontraram junto ao rio Sever, especialmente em zonas mais aplanadas de cascalheiras, o sítio ideal para se fixarem enquanto os recursos naturais não se esgotavam. Quando isso acontecia, e acontecia com frequência, procuravam outro local para estabelecer novo acampamento enquanto a natureza se recompunha no espaço anteriormente explorado. Assim, encontramos testemunhos da presença Paleolítica em vários terraços do Sever, sobretudo a jusante do Moinho da Mãe Velha.

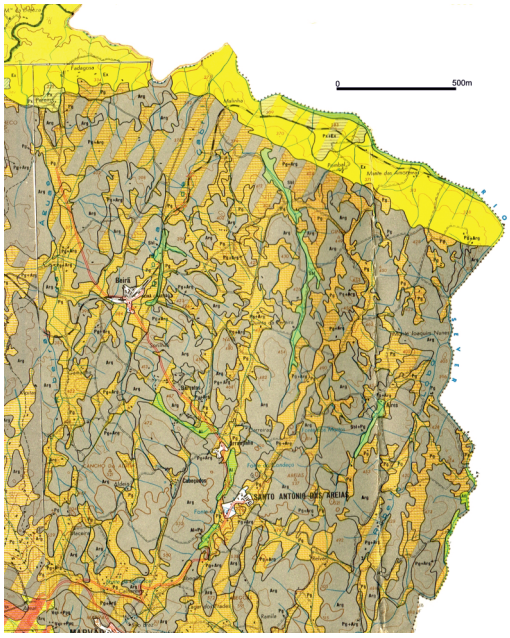


Carta Corográfica das Freguesias de Beirã e Santo António das Areias 1/50000 (1972)

p 11
9 de fevereiro de 2021 16:32:06



Carta Geológica das Freguesias de Beirã e Santo António das Areias 1/50000.



Carta de Solos Freguesias de Beirã e Santo António das Areias 1/50000.

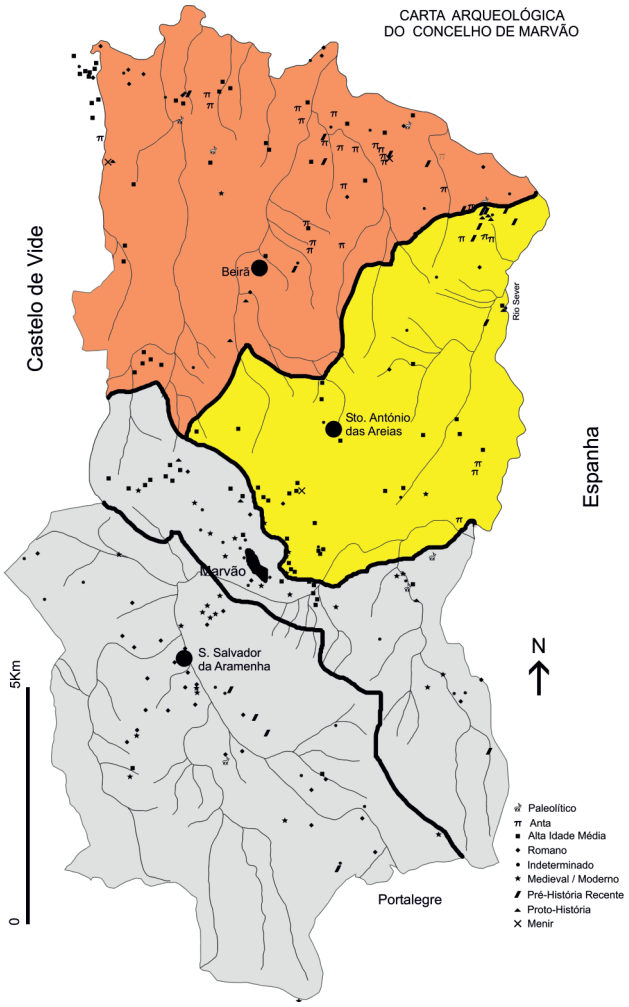
Tornar-se-ia fastidioso aqui referir os locais por nós identificados e já publicados em 2007, na "Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão" e disponível em livro e *online*.

Quando por volta de 12000 anos antes de Cristo os efeitos da última glaciação se começaram a desvanecer, a temperatura gradualmente a subir e o coberto vegetal a reagir à aproximação dum período de "bom tempo", os grandes herbívoros e, por consequência, os seus grandes predadores começam a extinguir-se e a dar lugar a uma nova fauna compatível com a nova flora que reagia à subida das temperaturas e aos degelos onde ainda se verificavam. Obviamente que o predador dos predadores, ou seja, o Homem, vai, igualmente, adaptar-se a esta nova realidade ambiental e mudar de estratégia na sua luta diária pela sobrevivência. Os grandes armazéns de proteína animal que lhe facultavam a caça dos grandes herbívoros e a sua conservação devido ao frio começam a desaparecer. As novas espécies animais que começam a emergir, de menor porte e mais velozes, obrigam o homem a novas estratégias de caça. O armazenamento de proteína animal torna-se mais difícil, quer pelo menor volume das novas espécies cinegéticas, quer pelo aumento da temperatura, obrigando o homem a manter uma constante actividade cinegética para satisfazer o seu grupo. Contudo, a natureza face ao novo clima, mais quente e húmido, também se renova mais rapidamente, facultando aos caçadores e recolectores os recursos necessários à sua sobrevivência. Estes novos recursos vão, igualmente, possibilitar a permanência mais prolongada dos grupos humanos no mesmo local, mas sempre nas margens do Rio Sever. Este estanciamento mais prolongado gera uma mudança no elemento "tempo" da vida humana. A prolongada permanência no mesmo local, vai facilitar uma maior interacção com algumas espécies animais e vegetais por parte dos

100
95
75
25
5
0

humanos. A domesticação de animais e plantas começa paulatinamente a desenvolver-se, paralelamente, a esperança média de vida dos humanos também aumenta com as novas condições climáticas e alimentares, contribuindo para um crescimento dos grupos humanos. A conservação da caça facilitada pelo frio da última glaciação que possibilitava anteriormente a preservação das proteínas animais começa a ser substituída pela conservação das mesmas proteínas, mantendo os animais vivos, mas em cativeiro, abatendo-os à medida das necessidades dos grupos. Nascia assim, a pastorícia. Mas a permanência mais prolongada no mesmo local facilitou o diálogo entre o Homem e a flora que o rodeava, permitindo-lhe seleccionar as espécies que preferia e neutralizando as que não lhes eram úteis. Esta selecção de espécies vegetais vai favorecer a emergência, primeiramente de uma horticultura e, mais tarde, da agricultura, prendendo, cada vez mais, o grupo humano ao local onde investiu trabalho e tempo. Mas parte desse tempo também tem que ser repartido, quer na guarda das suas "hortas", quer dos seus rebanhos, face, numa primeira fase a outros animais e, mais tarde, aos seus semelhantes.

Mas que locais são esses onde encontramos testemunhos da presença das primeiras comunidades sedentárias nas freguesias de Santo António e Beirã? Mais uma vez, para não ser fastidioso e como o acesso a essa informação é fácil, remeto o leitor para os levantamentos publicados na "Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão". São preferencialmente locais de cotas baixas, junto ao Sever, ou a ribeiras de curso anual como a ribeira da Sapateira ou da Beirã, com terras de classe C e D. Isto é, são solos facilmente trabalháveis com a tecnologia da época, o pau e pedra. São terras de areia, bem drenadas e abrigadas por grandes formações rochosas onde se acolhiam os membros dos grupos humanos. Os melhores exemplos desta realidade são o Complexo Arqueológico de Vidais, o Povoado da Sapateira, o povoado da Bola da Cera, ou o do Batão, entre outros.




Menhir dos Pombais

Paralelo a este processo de sedentarização, lá pelo 6º e 5º milénios antes de Cristo, quando o Neolítico se começava a afirmar, a consciência da dependência crescente da agricultura e da pastorícia e da própria comunidade leva estes grupos a erigirem menhires, maioritariamente fálicos, como tributo à fertilidade e fecundidade. Algum tempo depois, provavelmente na sequência do desenvolvimento do mito, ou conjunto mitológico que os levou a erguerem menhires, como o da Água da Cuba, do Corregedor ou Pombais, a consciência da morte, ou da temporalidade reduzida da vida, começa a atormentar, de sobremaneira, estas comunidades. Com um esforço acrescido e um investimento proporcional e por vezes acima dos seus recursos, estas comunidades neolíticas iniciam a construção de grandes sepulcros formados por volumosos blocos de pedra e envoltos numa couraça lítica, ou térrea, denominada mamoa. Estamos a falar dos dólmenes ou antas. No concelho de Marvão conhecem-se 27 túmulos megalíticos e todos localizados nas freguesias de Santo António das Areias e Beirã. Obviamente que a presença destes monumentos nestas duas freguesias relaciona-se directamente com os factores Rio Sever e suas ribeiras, terras medianamente férteis e matéria-prima em abundância. Claramente, as comunidades neolíticas rejeitaram os solos argilosos e pesados que ocorrem nas outras freguesias e optaram por aqueles que a sua tecnologia conseguia trabalhar. Para conhecimento destes monumentos remeto o leitor, mais uma vez, para a "Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão".


Menhir da Água da Cuba, em escavação, em 1981


Anta da Laje dos Frades

Durante o 4º, 3º e meados do 2º milénio antes de Cristo o povoamento do território destas duas freguesias vai reforçando-se a partir dos habitats neolíticos, mas com a particularidade de procurarem locais com cotas mais elevadas e boa visibilidade, mas nunca muito distantes das terras que os seus antepassados haviam domesticado. Os povoados Calcolíticos, da Idade do Bronze e do Ferro, alguns envoltos por muralhas, encontramo-los também na área destas freguesias.

Notáveis são o dos Vidais, Pombais, Corregedor e Retorta (vide "Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão").



Recipientes cerâmicos encontrados na casa escavada no Povoado da Idade do Ferro de Vidais (Museu Municipal de Marvão)

Esta ocupação mais ou menos indígena, ainda que estimulada por alguns fluxos migratórios que terão levado à fortificação destes povoados, especialmente durante o Calcolítico e Idade do Ferro vão manter-se estáveis e aparentemente pacíficos até aos alvores do séc. II a. C. quando as gentes de Roma começam a aproximar-se da região. À medida que a presença romana se faz sentir os povoados da Idade do Ferro começam a ser abandonados. Episódios de grande violência entre as comunidades indígenas e os romanos encontramo-los retratados nos testemunhos das escavações que efectuámos no Povoado da Idade do Ferro de Vidais, que foi assaltado, saqueado e incendiado pelas gentes de Roma, ou mercenários contratados. Neste povoado encontrámos, durante as escavações que aí realizámos em 1975, uma moeda cunhada em Alcácer do Sal, atribuível ao século II a.C., ainda com os caracteres fenício-púnicos, com os dois atuns e com a cabeça de Hércules coberta pela pele do leão. A presença desta moeda nesta zona da Península evidencia bem as relações comerciais que já nesta altura se estabeleciam a longa distância. Igualmente, a identificação desta moeda em contexto de povoado assaltado, destruído e incendiado poderá ajudar-nos a posicionar cronologicamente a fase de romanização compulsiva desta região e posterior emergência da cidade de Ammaia.



Moeda romana com caracteres púnicos, cunhada em Alcácer do Sal, no séc. II a.C., encontrada na escavação da casa do Povoado da Idade do Ferro de Vidais (Museu Municipal de Marvão)



Cabeça de estátua de guerreiro da Idade do Ferro encontrada nas imediações do Cemitério da Beirã

Se a Romanização se fez sentir, sobretudo, na zona sul do concelho de Marvão com a emergência da cidade de Ammaia, exploração dos terrenos férteis adjacentes e das caleiras da Escusa e Porto da Espada, a zona norte do concelho, terras de Santo António e Beirã também foram ocupadas pelas gentes de Roma. Os solos mais aplanados e com melhor aptidão agrícola foram, obviamente, explorados pelos romanos.



Casa do Povoado da Idade do Ferro de Vidais, escavada em 1975, pela equipa do GDIC





Mosaicos do Garreancho identificados durante a plantação do olival e posteriormente cobertos com terra

Testemunhos de casas agrícolas mais ou menos faustosas encontramo-las em diversos locais, como Amendoeiras, Pombais, Vale do Cano, Pereiro Velho, Garreancho, Retorta, etc, etc. As águas consideradas medicinais também não foram esquecidas pelos romanos. As águas termais do Batão, da Maria Viegas (Fadagosa) e Bica foram exploradas pelos romanos, sempre sedentos de águas sulfurosas consideradas milagrosas.

Lá pelo Séc. V depois de Cristo, com a contínua desarticulação do império romano, a cidade de Ammaia pulveriza-se e vai dar lugar à emergência de pequenos povoados mais ou menos escondidos por entre os grandes afloramentos graníticos, sobretudo na zona norte do Concelho de Marvão. As casas agrícolas, vulgarmente denominadas por *villae* até aí em plena actividade, situadas nas terras de Santo António e Beirã, face à desagregação do império e ao corte das linhas de comunicação comercial e sem a protecção das legiões e sob a ameaça dos denominados Bárbaros são abandonadas e as suas gentes juntam-se aos que fugindo da velha Ammaia procuram sobreviver nos estreitos vales envoltos pelas grandes formações graníticas, longe das vistas de quem de fora viesse. Abundantes povoados dessa época alto-medieval encontram-se por todo o território das duas freguesias em apreço. Os povoados da Patinha da Burra, Monte Velho, Vale do Lobo, Vale do Cano, Água da Cuba, Feijoeira, Mourata e tantos outros são testemunhos desses tempos conturbados onde a estrutura económica, política e militar romana já era incapaz de manter em funcionamento equilibrado esta parte do império. Uma nova ordem estava a afirmar-se. Novos povoados começam a emergir, uma nova religião começa a impor-se, outra organização social, algo desarticulada e autónoma prolifera.



Termas da Villa Romana da Herdade dos Pombais, escavada em 1982



Telha com inscrição Cristã do Monte Velho - *HIC PAX HIC CRISTVS* (Aqui esteja a paz aqui esteja Cristo), descoberta por Afonso do Paço e hoje desaparecida



Sepultura da Alta Idade Média do Monte Velho

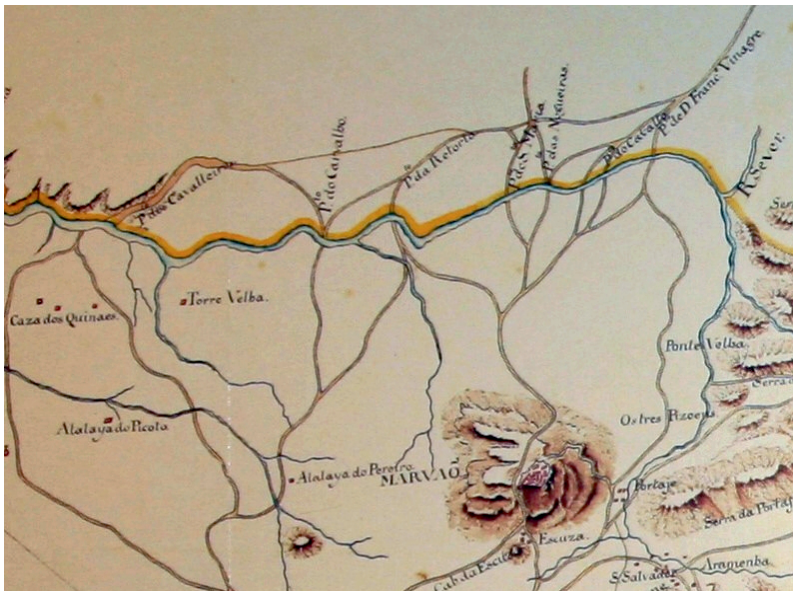
O denominado Período Visigótico pouco ou nada se faz sentir nesta zona, embora o Cristianismo já aqui estivesse presente, como atesta a telha do Monte Velho, ou as sepulturas escavadas na rocha e, eventualmente, os chafurdões que abundam por toda a zona norte do concelho de Marvão. Destes povoados emergentes na sequência do colapso do império alguns mantiveram-se ocupados até aos nossos dias dando origem a alguns agregados populacionais existentes. Ranginha, Abegoa, Água da Cuba, Barretos, Aires, Asseiceira, Relva, Vale do Cano e Pereiro são alguns dos exemplos que poderemos apontar.

Se do Período Visigótico poucos vestígios encontramos directamente conotados com uma efectiva colonização, no que à presença islâmica diz respeito os testemunhos ainda são mais diminutos nesta zona do concelho. Se nos abstrairmos de Ibn Maruán, fundador de uma estrutura defensiva no local onde hoje se ergue o Castelo de Marvão, ou da Crónica do Mouro Al-Râzi que nos fala desse episódio e das ruínas da Ammaia e da inscrição que há alguns anos encontrámos no Pico de S. Mamede nada mais identificámos. Aparentemente a estruturação social, económica e política que emergiu com o fim do Império Romano perpassou mais ou menos incólume até ao denominado período da Reconquista Cristã e da chacina que esta provocou entre as gentes destas terras consideradas infiéis pelas hordas de Afonso Henriques e outros bandoleiros, como Geraldo Geraldes, o denominado "sem pavor", que apavorava, ele sim, toda a gente da zona a sul do Tejo.



Chafurdão da Murta

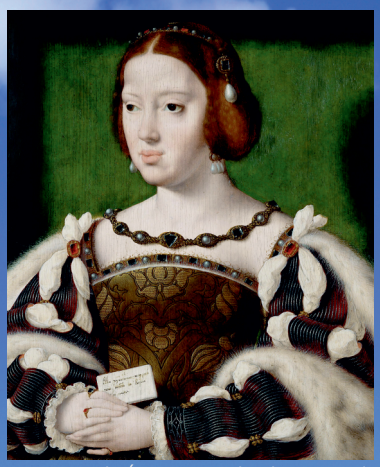
Teoricamente cristianizada a região e já sob o domínio das gentes de Afonso Henriques o despovoamento seria enorme. A fuga e as chacinas provocadas pela "Santa Reconquista" deixaram estas terras praticamente despovoadas e desorganizadas social e economicamente. Paulatinamente o repovoamento recomeça sob a tutela das ordens religiosas a quem estas terras foram entregues. A zona sul do concelho, onde as terras são de melhor aptidão agrícola, como as da Aramenha,



Mapa militar do séc XVIII com as principais vias de ligação da zona norte de Marvão com Espanha. (Arquivo Militar)

sempre disputadas entre o Rei e a nobreza, as caleiras da Escusa e a zona do Prado, seja ele o de Marvão, seja o de Castelo de Vide sempre se manteve mais ou menos povoada. A Escusa será, porventura, o aglomerado urbano organizado, depois de Marvão, que se manteve continuamente com gente desde a Alta Idade Média, exactamente por que se situa a meio caminho de Castelo de Vide e na zona economicamente mais interessante de todo o concelho. A zona norte, maioritariamente ocupada por grandes afloramentos graníticos, ou por solos de fraca aptidão agrícola ter-se-á mantido estagnada com o que restou do período pré-Reconquista. Pequenos aglomerados de casas, que mais não seriam que uma a duas famílias, vivendo duma economia de subsistência, baseada numa horticultura / agricultura nos estreitos vales encaixados entre batólitos de granito, ou de alguma pastorícia de caprídeos, marcavam a paisagem das terras hoje pertencentes às freguesias de Santo António e Beirã. Poderemos afirmar que durante a longa Idade-Média e grande parte da Idade--Moderna as terras das actuais freguesias de Santo António das Areias e Beirã estariam maioritariamente despovoadas, pois nem na documentação escrita nem arqueológica encontramos nada que nos permitam destacar algum episódio mais significativo. Haverá apenas que referir a mais que provável ausência de fronteiras entre as gentes da vizinha Valência de Alcântara e as deste lado do rio Sever, aliás confirmadas pelo Acordo de 1313. Esta singular abertura de fronteiras terá marcado substantivamente a cultura, a sociedade e a economia desta região. De alguma forma a força motriz das águas do rio Sever terão marcado a economia, ainda que sazonalmente, com a instalação de vários moinhos ao longo do curso do rio. Alguns destes moinhos, em qualquer das margens, em função das condições orográficas, parecem remontar aos finais da Idade-Média. Ainda em funcionamento neste período parece também ter estado o açude romano das Amendoeiras, que até ao seu total assoreamento terá também servido para que carros de tração animal pudessem transpor com segurança o Rio Sever num dos trajectos mais utilizados para quem de terras de Valência à zona norte de Marvão se dirigisse.

Por este caminho, entenda-se porto, pelo da Retorta, pelo de Santa Maria, ou pelo dos Cavaleiros terá sido por um deles, que em Novembro de 1518, Dona Leonor de Áustria terá passado para se ir encontrar com o seu prometido marido, o Rei D. Manuel I, que a esperava no Crato, onde se celebraram as bodas no dia 24 desse mês, como nos descreve Damião de Góis, na crónica deste Rei.



D. Leonor de Áustria, Rainha de Portugal (pintura de Joos van Cleve)

O caminho de Valência para o Crato, passando por Castelo de Vide, como nos descreve Damião de Góis, implicava transpor terras da zona Norte de Marvão. Várias vias, ainda hoje bem conhecidas e suficientemente demarcadas na cartografia antiga obrigava a transpor a Ribeira da Beirã no local onde hoje se situa a sede da freguesia com o mesmo nome, zona aplanada e onde o curso da ribeira se transpõe sem dificuldade de maior monta. Embora não referido pelo cronista, conta, contudo, a lenda, que Dona Leonor de Áustria, futura Rainha de Portugal e posteriormente de França e o seu abundante e riquíssimo séquito terão estanciado logo depois de transposta a Ribeira da Beirã junto a um grande penedo, em cuja sombra se terá refrescado.



Penedo da Rainha - Beirã

Provavelmente, no ano de 1518, o mês de Novembro iria quente e o caminho cansativo porque seguramente pedregoso, terá obrigado a uma paragem junto ao grande batólito que a partir dessa data passou a ser conhecido por Penedo da Rainha, junto do qual existia uma nascente de água fresca. Foi nesse mesmo sítio que levou, três séculos depois, o Dr. Magalhães a construir a sua casa agrícola, sobejamente conhecida, a nível nacional, pelo menos nos inícios do século XX, pela qualidade dos seus produtos lácteos de marca Penedo da Rainha. A imponência do afloramento granítico, qual falo gigante, bem destacado na paisagem, ainda hoje denominado Penedo da Rainha, não foi estranho às gentes do Neolítico que junto dele também estanciaram, como o provam vestígios cerâmicos muito rolados que ocasionalmente ainda se registam nas terras envolventes. Sem qualquer tipo de certeza não será, contudo, de excluir a hipótese deste grande monólito, sintomaticamente fálico, ter sido assimilado pelas primeiras comunidades neolíticas com a mesma carga simbólica como o fizeram com o afloramento fálico da Herdade dos Pombais, configurando-se como mais um menhir natural a somar a tantos outros conhecidos à escala global. A sua volumetria, hoje algo ofuscada pelas habitações que o rodeiam e pela densidade arbórea, terá sido desde sempre um marcador de paisagem razão pela qual o velho caminho que unia Castela a Portugal junto a ele passar e posteriormente pelo estirador de D. João da Câmara o traçado da linha férrea ter sido implantado em paralelo e, nalguns locais, sobreposto ao ancestral percurso e em rasante passar junto ao grande penedo. Embora saibamos que originalmente a estação terminal do Ramal de Cáceres do Caminho-de-Ferro estava projectada para se implantar junto à ponte férrea que transpõe o Sever, ela veio, contudo, a construir-se no mesmo local onde, pelos vistos, já era tradição fazer-se uma paragem na viagem, ou seja, junto ao grande marcador de paisagem que a partir do século XVI se passou a chamar Penedo da Rainha. Pela pena de D. João da Câmara, na sua peça de teatro "Os Velhos" percebemos também a importância deste local para estanciar, basta para isso recordar como seriam serenas as tardes de cavaqueira passadas sob a copa da



D. João da Câmara

frondosa figueira da tapada da Beirã, que encantaram figuras como o "Velho Patacas". A abundância de água nesta zona foi igualmente determinante para a implantação da estação, fundamental ao reabastecimento das velhas locomotivas movidas a vapor. Mas, e como se reconhece, a zona era fresca e prazenteira, tinha, contudo, um pequeno inconveniente. As terras aplanadas por onde as águas da ribeira da Beirã correm junto ao Penedo a Rainha, se por um lado refrescam a zona, por outro propiciavam a presença, em épocas de maior estio, de grande abundância de mosquitos e o consequente receio de desenvolvimento de doenças. Por esta razão, logo à data da construção da estação ferroviária foram mandados plantar abundantes eucaliptos, sobretudo nas cotas mais baixas das margens da ribeira, por forma a reduzir a área pantanosa que nessas zonas se verificava, especialmente em anos de maior pluviosidade. Nas imediações da actual sede de Freguesia da Beirã, não muito distante da via que do Porto das Amendoeiras se dirige ao Penedo da Rainha encontra-se o grande povoado alto-medieval do Monte Velho, escavado parcialmente por Afonso do Paço, onde se recolheu a singular telha, hoje desaparecida, onde se registava uma das mais antiga inscrições cristãs em Latim da Península Ibérica, cuja tradução quer dizer: "aqui esteja a paz, aqui esteja Cristo".


Anta da Granja onde a lenda conta que um cavaleiro enterrou a sua espada

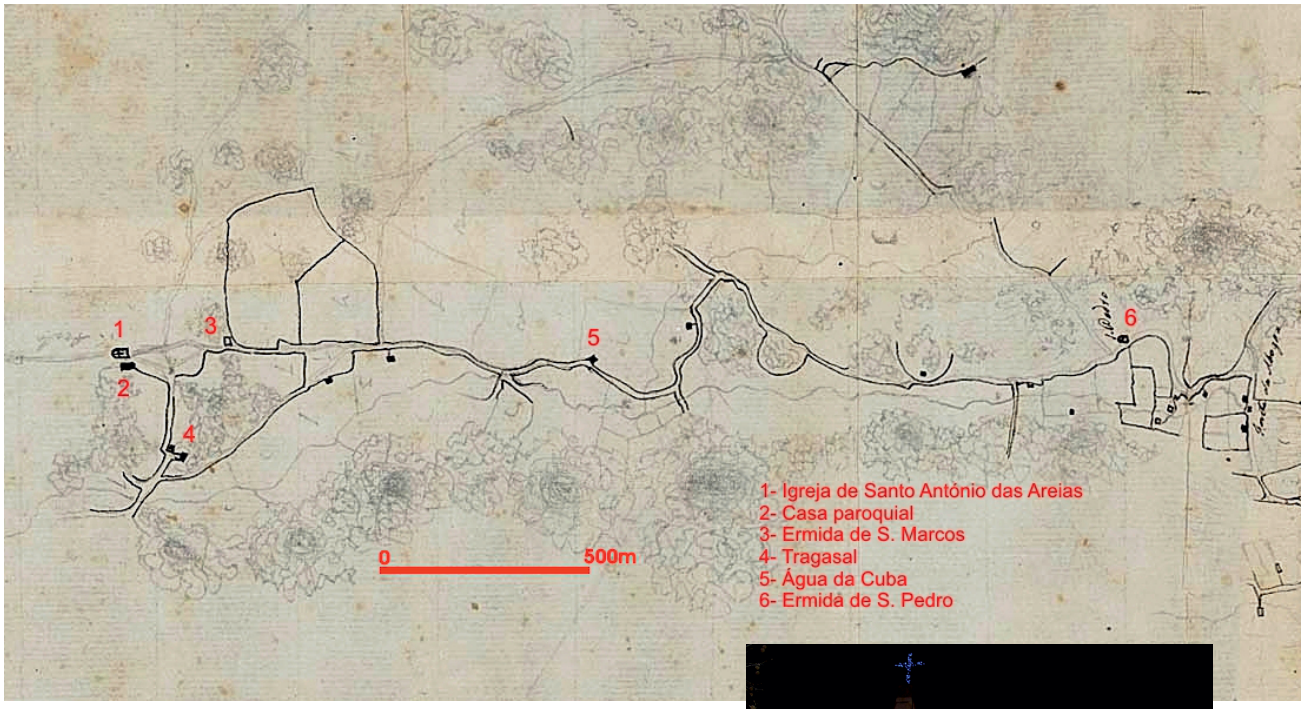
O caminho que D. Leonor de Áustria percorreu para se dirigir ao Crato, proveniente de Valência de Alcântara, passando pelo Monte do Sesmo transpondo o Rio Sever num dos portos atrás referidos era a via mais utilizada para quem de terras de Castela a Portugal se dirigia. Este caminho, que de alguma forma esteve na raiz da implementação da via-férrea por parte de Espanha, enquanto em Portugal ainda se discutia de devia passar pelo Prado e Portagem, era também o caminho que desde sempre preocupou as autoridades portuguesas no que ao isolamento sanitário diz respeito. Uma velha lenda conta-nos que um cavaleiro vindo de Castela, pelo Sesmo, e transposto o Sever, neste caso pelo Porto das Amendoeiras, terá ficado retido de quarentena, devido à peste, junto a esta passagem. Terá, então prometido, que se curasse enterraria a sua rica espada, de punho cravejado de pedras preciosas, na Anta da Granja e se retiraria para um convento. Este episódio, a ser verdadeiro, pelo menos muito divulgado popularmente, contribuiu para as múltiplas violações que a Anta da Granja apresenta e mostra-nos como, aparentemente, já desde


Chaminé do Lazareto da Herdade dos Pombais

os tempos medievais aqui se fazia o controlo sanitário. Este controlo foi reforçado durante a crise epidemiológica de 1884 / 1885 com o reforço do Lazareto de Marvão, provavelmente já existente anteriormente, mas porque a instalação da via-férrea nesta zona implicava um maior movimento de pessoas foi necessário aumentar a sua capacidade, sobre o qual noutro capítulo trataremos quando sobre o nascimento da Beirã escrevermos.

Só lá pelos alvores do século XVI, e posteriormente decorrente da Fundação da Diocese de Portalegre (21/08/1549), que se assiste a um período de alguma acalmia política e a um desenvolvimento económico que nesta região também se terá feito sentir. O desenvolvimento agro-pastoril da região terá fomentado a necessidade de trocas de produtos a que a feira e festa de primaveril de S. Marcos não é estranha e que está na origem da nova freguesia que se irá constituir na zona norte do concelho de Marvão, a freguesia de Santo António das Areias.

Com as guerras da Restauração esta zona volta a ser fustigada por assédios esporádicos de castelhanos que pilhavam e incendiavam os poucos haveres destas gentes, deixadas à sua sorte pelos homens de armas de D. João IV. Mas, por essa altura já se constituíra o bispado de Portalegre e se organizara a diocese em paróquias. A maioria dos templos, mais ou menos isolados, remonta à política de organização diocesana dos primeiros bispos de Portalegre. Embora com um povoamento muito disperso, constituído por pequeníssimos núcleos de meia dúzia de casas, no século XVI é criada a paróquia de Santo António das Areias, que abrangia praticamente toda a zona norte do concelho de Marvão até aos limites da Ribeira de S. João, onde se iniciam as terras de Castelo de Vide. Esta organização paroquial ainda que não directamente influenciada pelos ventos de Trento, porque poderá ser um pouco anterior, demonstra já, de alguma maneira, as preocupações com a gestão territorial e sobretudo dos dízimos que o Bispado de Portalegre iria arrecadar. Atrever-me-ia a dizer que a verdadeira cristianização desta zona do concelho começa nesta altura.



Carta legendada da zona norte do concelho de Marvão, de Vaz Velho - Séc. XVIII (Arquivo Militar)

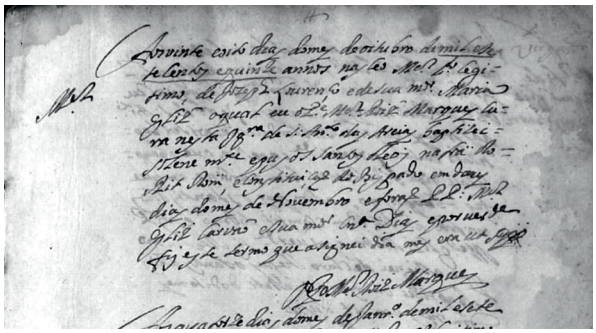


Cruzeiro datado (1569) e fachada da Igreja de Santo António das Areias



Capitel do Cruzeiro da Igreja de Santo António das Areias - 1569

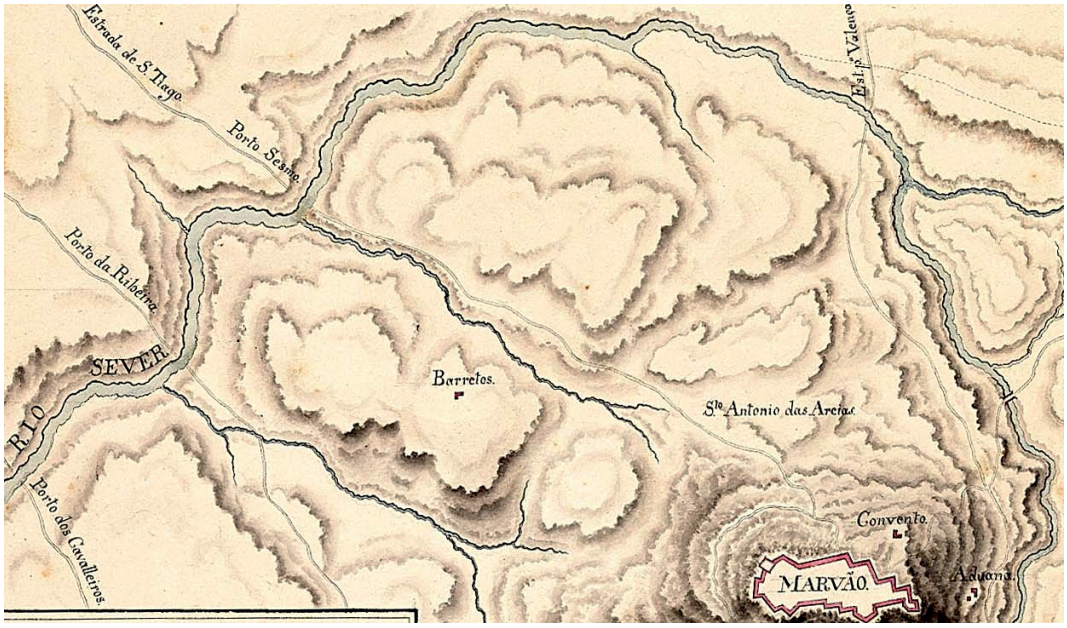
Se atendermos à data que ainda se consegue ler gravada no capitel do cruzeiro que se ergue em frente à Igreja de Santo António das Areias poderemos afirmar que, pelo menos, em 1569 já existiria neste local um templo cristão. Resta-nos saber se este cruzeiro pertenceria desde início à Igreja de Santo António, ou teria estado implantado, originalmente, nas imediações da ermida de S. Marcos que, tudo assim o indica, seria anterior à de Santo António. Em 1569 era Bispo de Portalegre Don André de Noronha. As normas de Trento (1545 – 1562) já se faziam sentir e o templo de Santo António das Areias obedece a todas as normas emanadas deste importante concílio. Eventualmente Don André de Noronha terá dado o seu consentimento ao esquiço original, ou de alteração que resultou no templo que se manteve até aos nossos dias, ainda que sofrendo algumas alterações no século XVIII eventualmente originadas nos estragos que o Terramoto de 1755 lhe provocou, como mais à frente veremos, mas que não lhe terá alterado significativamente a traça original. Outra reforma profunda sofreu no seu interior na década de oitenta do século XX. Um clérigo inflamado e mal-



Registo Paroquial mais antigo de Stº. Antº. das Areias - 20 de Outubro de 1715 (ADP)

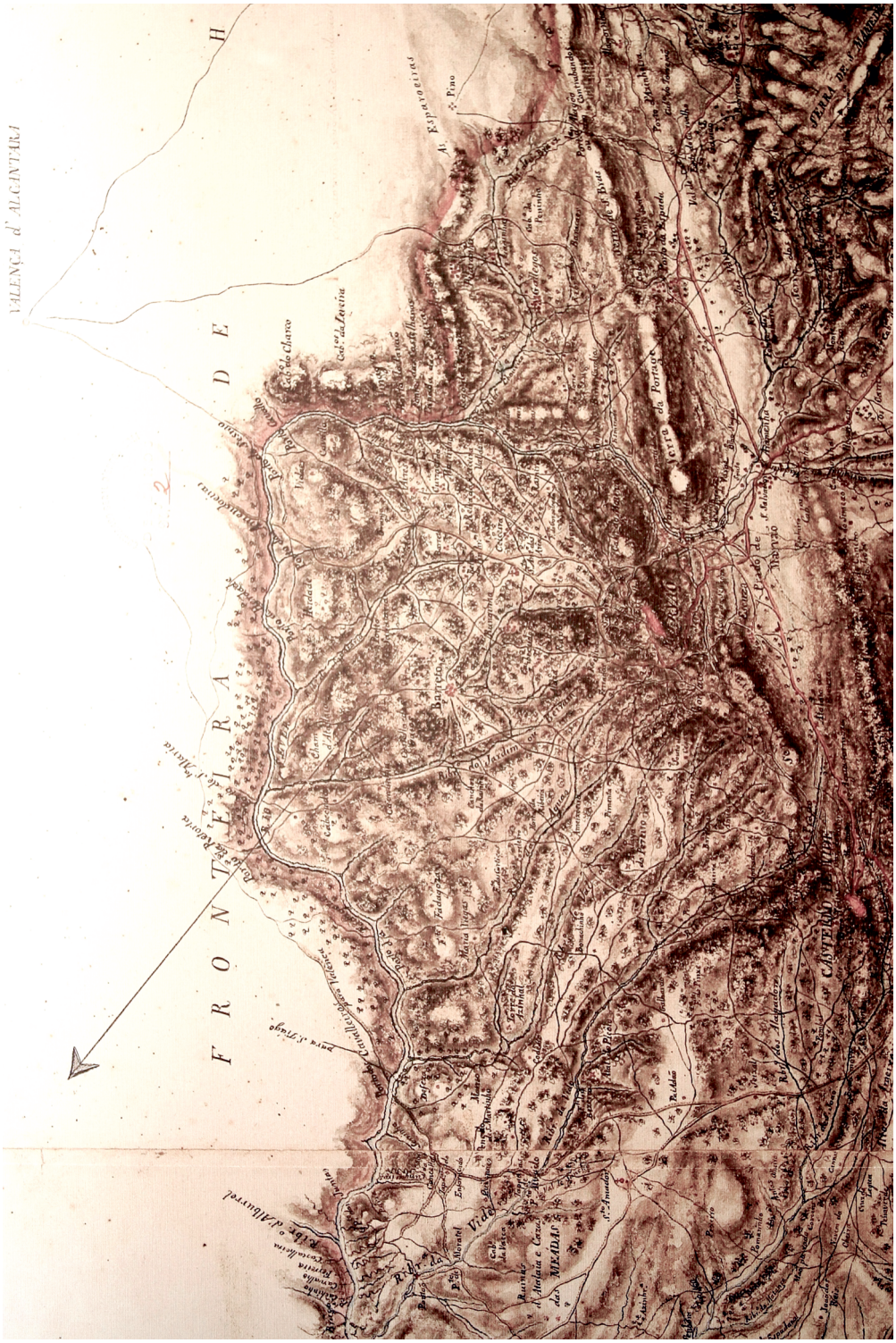
-informado das novas "tendências revolucionárias do Vaticano II", mandou perpetrar alguns inestéticos ajustes neste templo, que em 2019, em respeito pelo passado, foram parcialmente e respeitosamente repostos, embora alguns elementos decorativos já não fosse possível recuperar face à limpeza que o pároco dos anos oitenta promoveu.

Se pelas fontes escritas só encontramos referências seguras a Santo António das Areias a partir de meados do século XVIII, pela data gravada no cruzeiro e pelas características das tábuas pintadas que se guardam e expõem no interior da Igreja de Santo António, provavelmente pertencentes ao retábulo original do altar-mor desta igreja, tudo aponta para que a sua construção remonte, pelo menos, a meados do século XVI. Sabemos, contudo, que



Carta da zona da fronteira norte de Marvão, de 1797, de Luis Candido Furtado (Arquivo Militar)

muito próximo da Igreja de Santo António, existia a Ermida de S. Marcos, ao cimo da actual Av. 25 de Abril, em frente à dependência banco Santander-Totta. Em torno dessa ermida construiu-se o primitivo cemitério de Santo António quando, por força do Decreto de 28 de Setembro de 1844, foram proibidos os enterramentos no interior e adros das igrejas. A ermida de S. Marcos, em 1758, segundo as "Memórias Paroquiais" e pela pena do Padre Manuel Mouratto Sanches sabemos que se situava à distância "de

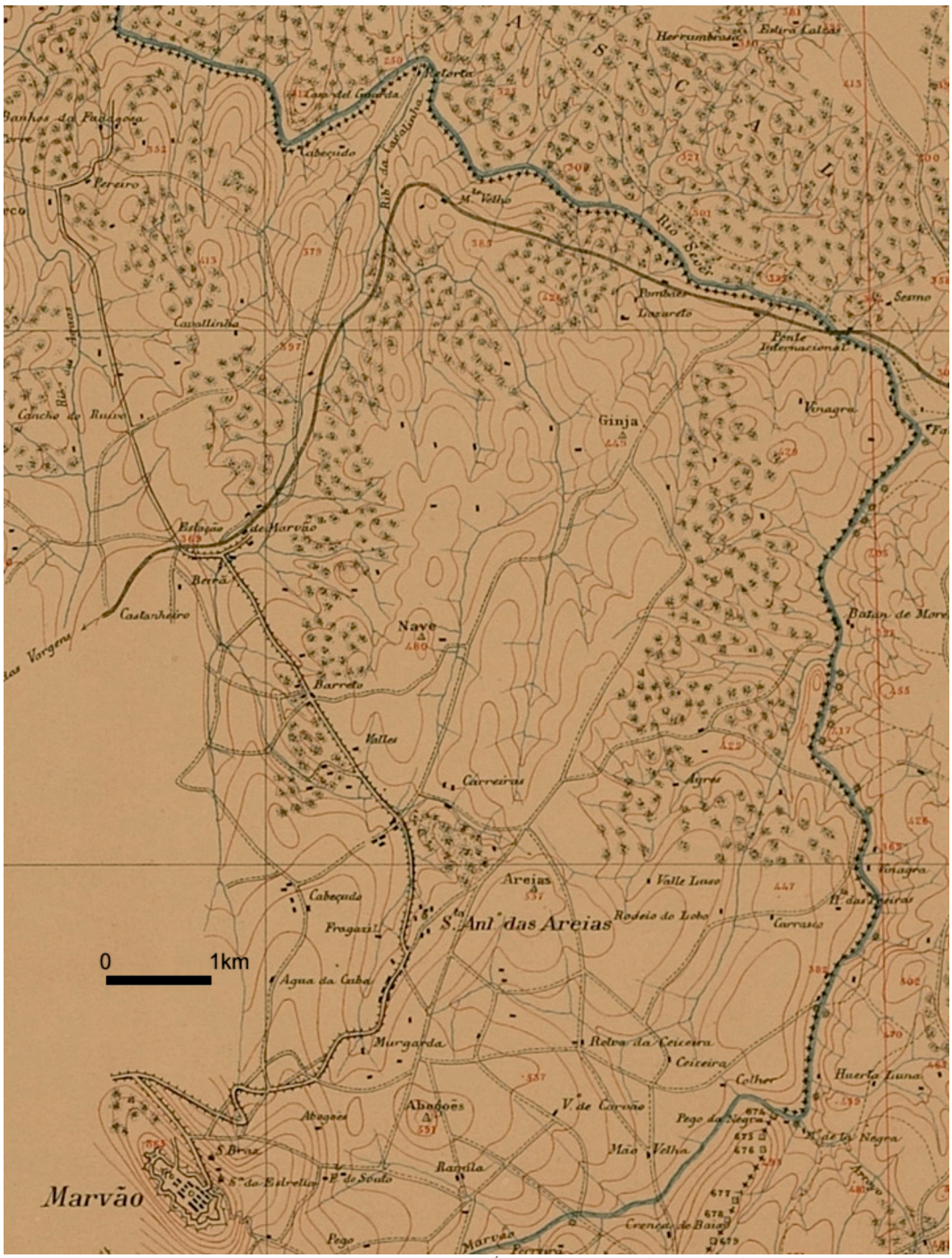


Excerto da "Carta militar de huma parte da fronteira do Alentejo..." de José Maria Neves Costa, 1803 / 1819

tiro de balla desta Parrochial Igreja para a parte do Poente". Mouratto Sanches diz-nos ainda que: a "Ermida de Sam Marcos que he de huma so nave e tem huma pequena capella em que se acha o altar, com seu retabollo de madeira dourado, e no mejo hũ nicho com a Imagem do dito Sancto, e tem a porta principal para Norte, e huma pequena para o poente."

A tradição local e a cartografia do séc. XIX que nos mostra a provável ermida já em ruínas diz-nos que o templo a S. Marcos seria muito mais antigo que a Igreja de Santo António das Areias. Em torno da velha ermida de S. Marcos, protector dos animais de cornos, organizava-se, desde épocas imemoriais, no dia dedicado a este santo, 25 de Abril, uma feira de gado acompanhada de diversas festividades onde não faltavam as populares touradas e as cavalhadas, antecedidas de missa e da bênção do gado bovino. Trata-se, naturalmente, duma festividade primaveril assente em tradições romanas ou mesmo pré-romanas que se manteve ao longo dos tempos. Se dermos crédito a esta informação popular haverá que procurar a razão da escolha do local da feira e construção da ermida de S. Marcos. A existência de água nativa e em abundância seria determinante para escolha do local e ela não faltava na zona. Poucos metros abaixo do local onde se erguia a ermida de S. Marcos, ainda subsiste a denominada "Fonte da Vala", hoje remontada no lado oposto da rua e já ligada à rede pública de abastecimento de água, mas a ancestral vala, em parte encanada, ainda subsiste no local. Embora exactamente neste local da ermida de S. Marcos e da Igreja de Santo António não se conheçam testemunhos arqueológicos que de alguma maneira possam justificar a emergência destes templos em épocas anteriores ao século XVI, o local, com abundância de água, e amplo domínio visual, parece ser o ponto de encontro dum conjunto de vias que unem vários povoados com testemunhos da alta-idade-média. Para sul, na meia encosta de Marvão, conhecem-se povoados no Maral, na Abegoa, na Água da Cuba e na Feijoeira. Para os lados do nascente há testemunhos desta época na Margarida, na Asseiceira e no Ribeiro do Lobo. Para norte localiza-se o grande povoado da Patinha da Burra e o da Fonte dos Mortos e para poente junto à Ranginha também encontramos vários testemunhos alto-medievais. Parece assim que num raio de 2 a 4 kms em torno da Ermida de S. Marcos / Igreja de Santo António das Areias vários povoados alto medievais são conhecidos. A emergência e desenvolvimento destes povoados resulta, maioritariamente, na pulverização da cidade romana de Ammaia, por volta do séc. V, decorrente da desagregação do próprio Império Romano. Com o colapso da organização sócio-económica romana que permitia a existência dum amplo centro urbano no vale da Aramenha as populações que aí viviam e que da cidade dependiam são obrigadas a ruralizar-se e a procurar novas formas de sustento face ao fim da poderosa rede comercial que durante o império vingou. Estas populações, maioritariamente cristianizadas, mas ainda muito influenciadas pelas fortes tradições pagãs, vão subsistir isoladas e fortemente ruralizadas, face à instabilidade e insegurança reinante logo após o fim do império, passando pelo conturbado domínio islâmico nesta região e só depois duma nova ordem social e económica, decorrente da denominada Reconquista Cristã e com a

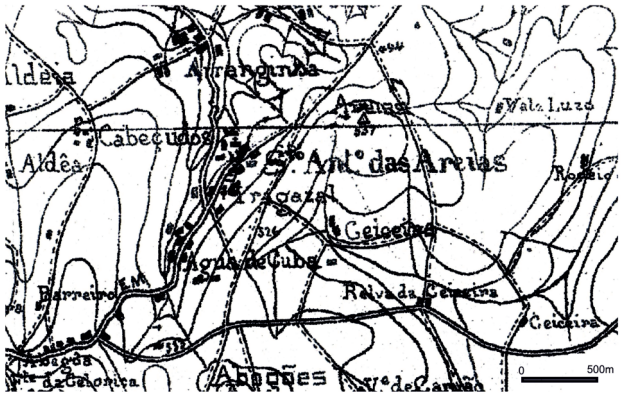
100
95
75
25
5
0



Área da Freguesias de St. Ant.º das Areias e Beirã, em 1906



SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS - 1875



SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS - 1902

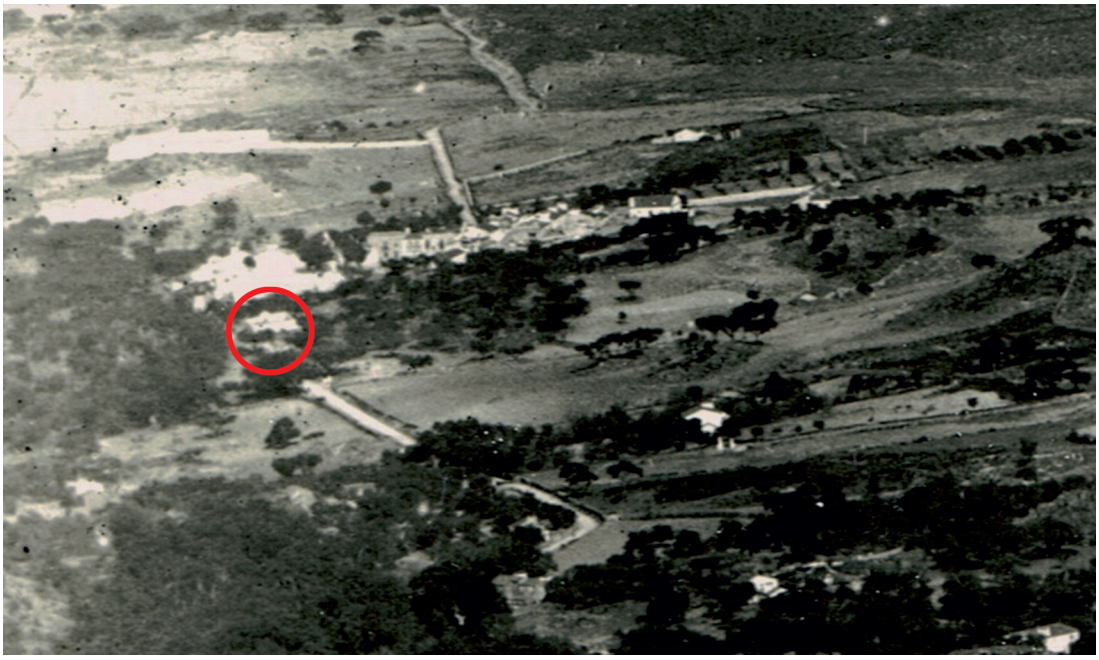
emergência dos concelhos, já em tempos de baixa idade média, poderemos começar a vislumbrar uma nova estruturação económica assente em redes comerciais só possível de ocorrer com alguma pacificação e segurança na região. Parece, assim, compreender-se que o sítio de S. Marcos / Santo António das Areias se estruture e assente num ponto de encontro de ancestrais caminhos que uniam povoados alto-medievais e onde ocorreriam sazonalmente trocas de produtos e de animais, especialmente bovinos. O planalto arenoso que se destaca entre três importantes mananciais de água como são, ainda hoje, a Fonte da Vala, a Fonte do Codeço ou da Condessa, a Fonte da Asseiceira e Fonte do Tragazal, ou Fragazal como vem grafada nalguma cartografia antiga, para não referir outras fontes um pouco mais distantes, e a sua centralidade aos vários povoados medievais, entrecruzado por vários caminhos, poderá justificar a sua escolha como ponto de encontro para o estabelecimento de um espaço de culto, comercial e de lazer, mas, e sobretudo de socialização e de renovação de sangue, assim se compreendendo os famoso e tradicionais bailes que sempre juntaram e juntam jovens de várias povoações neste local.

Com a efectiva cristianização que se começa a sentir nesta zona a partir do séc. XIII, especialmente decorrente do importante papel das ordens religiosas, as feiras e mercados que ciclicamente se realizavam neste local passaram a ter o cunho e tutela religiosa, sobretudo para recolha dos dízimos devidos à Igreja. A feira da Primavera, fundamental na estruturação da vida agrícola, mas sobretudo da pecuária é, seguramente, a mais importante. O dia 25 de Abril, dia atribuído ao martírio de S. Marcos, é no calendário cristão uma referência de extrema importância intimamente relacionada com uma das celebrações mais relevantes da tradição judaico-cristã, último dia da Páscoa, de acordo com o estabelecido no Concílio de Nicea, em 325. Seria assim, o dia 25 de Abril, dia de S. Marcos, o primeiro dia após o tempo de penitência, oração e conversão em memória da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Com o dia 25 de Abril entra-se noutro tempo e a festa acontece. Estamos em crer que da cíclica organização da feira e eventuais festejos que por norma ocorrem nestes encontros à

100
95
75
25
5
0
p 28.
9 de fevereiro de 2021 16:28:35



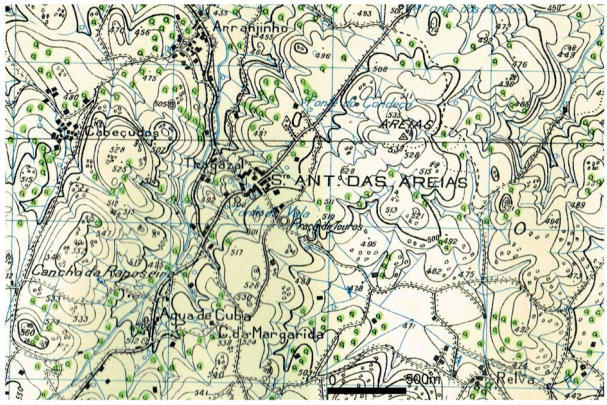
Vista geral da encosta norte de Marvão



Pormenor da imagem anterior com a vista geral de Santo António das Areias, anos 20 do séc. XX, onde se observa o cemitério primitivo e a Ermida de S.Marcos

p 29.
9 de fevereiro de 2021 18:23:19

erecção duma ermida terá decorrido curto espaço de tempo. Pela descrição de 1758 depreende-se que seria uma pequena ermida de uma só nave, com uma pequena capela onde se erguia o altar. Este teria, contudo, um retábulo de madeira dourada, e no meio um nicho com a imagem de S. Marcos. A ermida tinha a porta principal virada para Norte, e outra mais pequena aberta ao poente. Em torno desta ermida organizava-se, então, todos os anos, no dia de S. Marcos, a feira e as respectivas festividades religiosas e profanas. Não será de excluir a hipótese, ainda que não confirmada, que por aqui, porque essencialmente de feira de gado estamos a falar, passasse alguma rota de transumância. Havendo água, espaço e segurança seria natural que aqui estanciassem rebanhos e pastores. Erguer-se-ia alguma tenda, ou venda, de apoio aos que por aqui estanciavam nas imediações da ermida de S. Marcos. Como acontece em múltiplos locais ancestrais de aparcamento de gado proveniente de várias origens torna-se determinante a marcação de espaços no "rossio" para evitar confusões entre os pastores. Esses locais são ciclicamente ocupados pelos mesmos pastores e seus rebanhos e quase sempre respeitados pelos outros. Para materializar a apropriação do espaço no "rossio" erguem-se marcos simples, levantam-se cruzes e não raras vezes constroem-se templos dedicados a diversas devoções. A este propósito veja-se o interessante exemplo do "Rossio de Monforte" local de aparcamento de gado em transumância onde se ergueram diversas ermidas que mais não serão, originalmente, que marcadores de território. Assim, se poderá, provavelmente, explicar a existência de dois templos, o de S. Marcos e o de Santo António, erguidos a menos de 150 metros entre si.



SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS - 1936

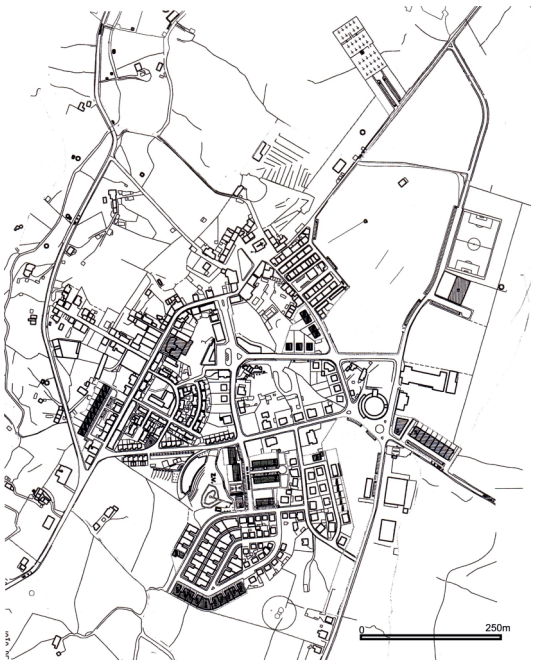


SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS - 1967

Aparentemente o templo dedicado a Santo António, erguido no outeiro das areias, Santo António das Areias, rapidamente começa a ganhar notoriedade vindo assumir-se como freguesia ainda em meados do século XVI. Contudo, no registo da visitação à Igreja de Santa Maria de Marvão, de 1689 lê-se que " ...os moradores nos Montes de

p 30
9 de fevereiro de 2021 16:30:51

Santo António que antigamente foi freguesia se achão fundidos nas duas freguesias desta vila, não vinhão nos domingos e dias santos a ouvir Missa..." (Patrão, 1999/2000, 18) Parece que o visitador ao falar dos "Montes de Santo António" estará a referir-se à freguesia de Santo António das Areias, que à data, 1689, já teria perdido a categoria de sede paroquial. A perda da titularidade poderá estar relacionada com a conflitualidade que por essa altura grassava nesta região decorrente da denominada Guerra da Restauração que, como sabemos, provocou um êxodo acentuado da zona da raia. Mas a titularidade de freguesia em breve viria a ser restituída a Santo António das Areias. Data de 8 de Outubro de 1715 o mais antigo registo paroquial que encontramos para esta freguesia. Trata-se do registo de batismo duma criança chamada Manuel, filho de José Lourenço, nascido na freguesia de Santo António das Areias e que foi baptizado na respectiva igreja. Na capa deste livro de registo lê-se que é o 2º livro, compreendendo-se assim que existiria um primeiro e anterior livro mas que, entretanto, se terá perdido. Reportar-se-ia esse primeiro livro à fase anterior à extinção temporária da freguesia de Santo António das Areias? A partir de 1715, de forma ininterrupta, os registos paroquiais guardados no Arquivo Distrital de Portalegre fornecem-nos interessantes dados sobre a população da freguesia através dos registos de baptismos, óbitos e casamentos. Parece confirmar a nossa suposição da existência de um livro anterior porque estranhamente, este registo reporta-se a um baptismo datado de 1715. Dizemos estranhamente porque, por norma, os mais antigos registos reportam-se, exclusivamente, aos óbitos. Naturalmente, esta norma aplica-se, essencialmente, aos registos paroquiais mais antigos, datáveis dos finais do século XV e século XVI. Iniciando-se o primeiro livro de registos com um baptismo no ano de 1715 e constando no mesmo livro o assento do primeiro casamento, em 1716 e o primeiro óbito, em 1722.



Santo António das Areias em 2010

Outra fonte de informação sobre a freguesia encontramo-la no primeiro inquérito paroquial recolhido pelo Padre Luiz Cardoso, datado de 1747. Aí lê-se, que Santo António das Areias é um "Lugar na Provincia do Alentejo, Bispado, e Marca da cidade de Portalegre, Termo da Villa de Marvão, da qual dista meya légua. Tem Igreja Paroquial dedicada a Santo António, Curato que apresentão os Bispos de Portalegre: tem de congrua dous moyos de trigo, trinta alqueires, que lhe pagão os dous Priores das duas Paroquias de Marvão, Santa Maria, e Santiago, as quaes esta Paroquia he

filial, e meyo moyo se divide anualmente pelos freguezes. A Igreja he de uma só nave, e que tem dous Altares, o mayor com a Imagem do Santo Patrono, e outro no corpo da i*greja da* parte da Epistola dedicado a Nossa Senhora dos Remédios. Está situado Lugar em huma pequena planicie, cercada em roda de montes crespos de penedia, e por entre ella cria mato rasteiro, de giestas, e carrascos, e arvores de sobreiros. Fóra deste sitio pedregoso, no restante da terra limpa, se semea trigo, e centeyo, que são os frutos de que mais abundancia colhem os moradores. Compõem-se todo o corpo da Freguesia de duzentos fogos, repartidos em sessenta Casais, e divididos em cinco Aldeias, ou Montes, como lhe chamão nesta Provincia, a saber, o Monte de Cabeçudes, o da Rainha, o dos Barretos, o do Sequeira, e o dos Ayres. Nos limites desta Freguesia há duas Ermidas, dedicadas huma a S. Pedro Principe dos Apostolos, e outra a S. Marcos Evangelista. Entra nesta Freguesia a ribeira de Server, no sitio chamado Ponte Velha e nelle finaliza. Faz a terra regalada de trutas, barbos, e bogas, que são os peixes que pela maior parte cria." (Cardoso, 1747, 539-540)



Santo António das Areias em 1947

É esta a mais antiga descrição da freguesia de que há notícia.

Logo a seguir ao terramoto de 1 de Novembro de 1755 o Marquês de Pombal envia a todas as paróquias um inquérito para avaliar os efeitos do sismo no território nacional. O Padre de Santo António das Areias, Manuel Moratto Sanches, em 24 de Fevereiro de 1756, escreve a sua informação relativa à sua freguesia. Pela importância do seu relato para a história local transcrevemo-la aqui integralmente.

"Em a madrugado do primeiro de Novembro, de mil setecentos sincoenta e sinco anos se vio em um seo para a parte do norte hu cometa, em forma sircular que dava grande claridade, e se foi demenuindo, athe ficar na forma de hua lansa, e ao depois se extinguio de todo, com a vista do qual, se asustarão os que virão, e amanhesendo, levantou hu grande vento, que durou athe as noves horas do dia pouco mais ou menos, a cujo o tempo se turvo o sol e veyo hu grandes estrondo, que parecia de carruagens, logo o terremoto tão vehemente, que paresia que, se punhão todos os edifícios por terra, como o qual ficarão todos tão asustados, que nem hu ouve que não emtemdese se sobvertia o lugar em que estava rezão porque não repararão de que parte vinha o mayor empulso, porem os mais desta Freguesia asentão que veyo da parte do poente, porquanto, alguas paredes que derrubou predios rusticos, cahirão para o nascente e no destricto desta Freguesia não fes ruina consideravel porque so abrio alguas paredes

das casas que não mostrão perigo, e so na Igreja parochial desta Freguesia abrio em varias partes principalmente a abobeda da Capella mayor o arco que serve de fexo em que mostra algu perigo, mas não morreu pessoa algua por causa do dito terremoto; no destricto d'esta Freguesia se secarão duas fontes hua chamada a de Maria Viegas, que inda se acha seca e outra a do Pereiro, que pasados alguns dias tornou a deitar agoa como dantes, e neste estado se conserva, as mais fontes turvarão com o terremoto, e logo no dia seguinte correrão claras; o rio Sever que no destrito desta freguesia divide este Reino do de Castella, correo alguns dias turvo; mais no destrito desta Freguesia senão da noticia que a terra abrise boca algua, nem que rebentase fonte de novo; na ocasião do terremoto me achava eu na Igreja Parrochial desta Freguesia com alguns fregueses, e logo com elles recorri à Capella de Nossa Senhora dos Remedios da mesma Igreja e postrados de joelhos diante da Imagem da dita cantamos a sua ladainha, e fizemos muntas rogativas para que nos valese com o seu patrocinio pois cada hu de nos entendia se sobvertia a dita Igreja, e acabavamos naquella hora todos a vida, e tanto que elle pasou ademoestei aos mesmos fregueses para que todos fizesem confisão geral de todas suas culpas, e pasados alguns dias por avizo que tive da parte de V.Ex.ª Rev.ma fis com o Padre Capellão e mais fregueses provisão de penitencia pello adro da Igreja, em que todos forão com grande modestia e devosão e os ademoestei de que V.Ex.ª Rev.ma consedia quarenta dias de emdulgençia a todos que, nos oito dias seguintes, depois de se confesarem e comungarem, vezitasem a mesma Igreja pedindo a Deos Nosso Senhor uzase com os pecadores da sua emfinita mizericordia, e por todos os oito dias estive na mesma Igreja com outro confesor, confesando aos que concorrerão, e pasados elles se fes na mesma Igreja festa de missa cantada e sermão e prosisão pello adro da mesma assão de graças; no dia quadragésimo depois do sobredito terremoto pellas quatro para sinco da manhã se sentiu nesta freguesia outro com grande empulso mas menor que o primeiro, o qual sentão muntos duraria tres menutos, depois destes se tem sentido alguns em muntas noites, mas que tão pequeno empulso que muntos os não tem persebido.



Santo António das Areias só com a Igreja e a ermida de S. Marcos. Barretos, Cabeçudos e Ranginha já com núcleos urbanos constituídos, em 1803 / 1819

Alguas pessoas me afirmarão que no anno de mil setesentos e dezaseis em hua noite das quatro para as sinco da madrugada, se sentiu hum terremoto mas munto pequeno o qual não cauzou damno algum, e que semelhante a este houvera outro no anno de mil setesentos e trinta e oyto; ..... Nesta Freguesia senão tem experimentado

falta de mantimentos por cauza do terremoto, antes depois delle os tem havido com mais abundancia por se terem franquiado os portos de Castella para os poderem pasar para este Reino livres de tributos, e tambem não ouve emcemdio de que eu tenha alcansado noticia. Isto he o que pude alcansar de que posso informar a V.Ex.ª Rev.ma a quem dezejo que lhe dê Deos muitos anos.

Freguesia de Santo Antonio das areias termo da villa de Marvão, 24 de Fevereiro de 1756.

DeV. Ex.ª Rev.ma o mais humilde súbdito. – O Padre Cura, Manoel Moratto Sanches (Coelho, 1924, 385-386)



Área das actuais freguesias de Santo António das Areias e Beirã na Carta de Filipe Folque (1871).

Pelo que fica exposto percebemos que o terramoto pouca destruição provocou na área da freguesia de Santo António das Areias, para além de afectar a cobertura da igreja paroquial, secou temporariamente a fonte de Maria Viegas, ou seja a fonte da Fadagosa e turvou as águas do Rio Sever. Provavelmente terão sido os estragos provocados no arco da abóbada e na cobertura da Igreja de Santo António que originou a grande reforma deste templo que só terá sido concluída em 1790, cuja data se encontra gravada na base granítica que suportava o antigo púlpito de madeira, desmontado na década de oitenta do século XX e agora novamente reposto no seu lugar. Recorde-se aqui que a nova imagem, provavelmente a terceira, foi apresentada no dia 25 de Abril de 1955. Terá sido no decurso da reforma dos finais do século XVIII que terão reconfigurado o altar, apeando o retábulo seiscentista onde se exibem alguns dos milagre do santo padroeiro, hoje dispersos, em parte, pelas paredes do templo e se "moderniza" a fachada e a torre sineira ao gosto da época.

Três anos depois do terramoto, em 1758, por ordem do Marquês de Pombal é remetido a todos os párocos do reino um novo inquérito à semelhança do que tinha sido efectuado onze anos antes, este mais detalhado nas questões mas que, ao contrário do anterior, que em parte foi impresso, nunca chegou a ir à prensa. Foi baseados neste segundo inquérito que conhecemos os pormenores da ermida de S. Marcos que acima descrevemos mas que, pela sua enorme importância para a história da freguesia aqui também o transcrevemos integralmente.

" Memória Paroquial da freguesia de Santo António das Areias, comarca de Portalegre

Excelentissimo e Reverendissimo Senhor

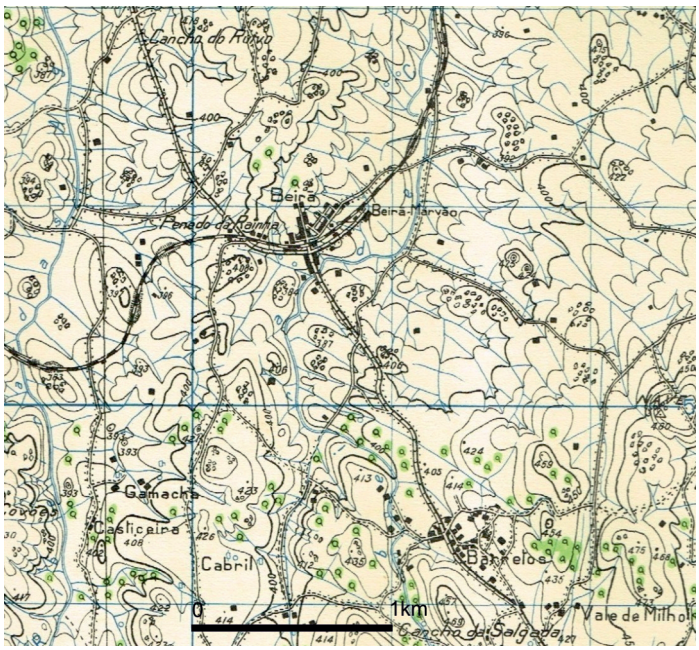
A freguezia de Sancto Antonio das Areas, de que sou cura actual comprehende o



Excerto da carta de Filipe Folque (1871) onde se evidencia Santo António das Areias, só com a Igreja, casa paroquial e Ermida de S. Marcos. Barretos, "Arrunjinha", Cabeçudos, "Tragazil"e Aldeia já com núcleos urbanos

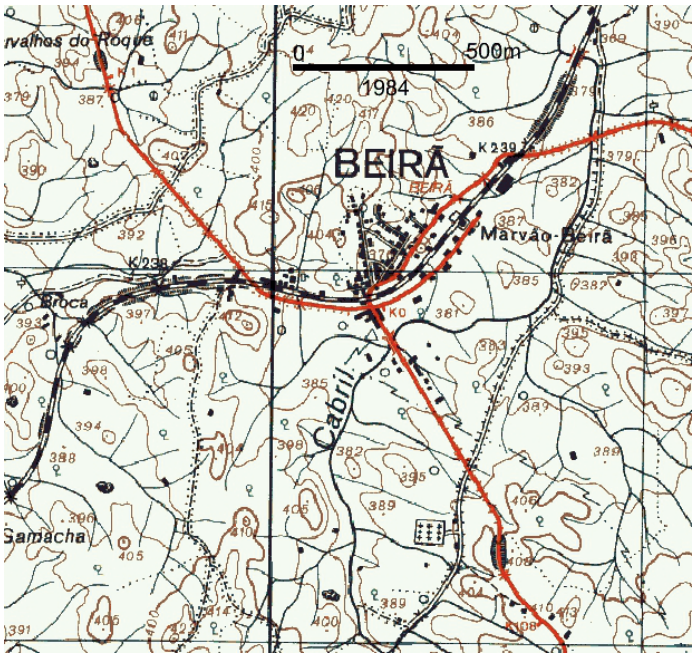
termo da Villa de Marvã para a parte do Nascente e tem sua Parrochial Igreja, sita no mejo da freguezia, distante meja legoa da sobredita villa e duas legoas e meja da cidade de Portalegre, capital deste Bispado, e Comarca na Provimcia do Alemtejo, esta situada, em hũ outeiro baixo e largo, chamado os outeiros de Sancto Antonio das Areas sem povoaçã algũa, ao pe; mais que hũa caza em que vive o ermitão da mesma Igreja; Compoece esta freguezia de ojtenta e seis fogos ou cazais, em que habitaçã trezentas e sincoenta e tres pessoas, e todas estã dispersos pello distrito da mesma freguezia = os montes mais avultados, que hoje se achã nella he o dos Barrettos em que vivem, vinte e sinco vezinhos, com suas famillias, que se compoem de noventa e ojto pessoas, das quais sã sesenta e nove majores, e vinte e nove menores, o da Ranginha em que vivem dezasete vezinhos, cujas famillias se compoen de setemta pessoas, trinta e nove majores, e quarenta hũa menores; o dos Cabesudos que tem treze vezinhos Com sincoenta e sete pessoas, trinta e sinco majores e vinte e duas menores, e todos estes estã pouco distantes da Igreja Parrochial, para a parte do Norte; e para a parte do Sul se acha o Monte Daseiseira com seis cazais, em que vivem vinte e hũa pessoas, a saber, dezasete majores e quatro menores, e tambem fica este monte, pouco distante da

Igreja Parrochial e todos os sobredittos se achã formados por entre grandes penedias; e todos tem fontes munto abundantes de agoa com suas ortas e pumares, e todos os mais cazais estã dispersos, pello distrito da freguezia que do Norte ao Sul tem de comprimento hũa boa legoa, e do Nascente ao Poente outra em cujo sircuito, se achã demolidas grandes quantidades de cazais principalmente no sitio da Comenda, Ajres, e Vidais, aonde antigamente havia grandes moradias, que por falta de gente senã redeficã nem habitã. Da Parrochial Igreja desta freguezia he orago o Senhor Sancto Antonio, cuja Imagem se acha feita com toda a perfeisam e situada em hum nicho do retabolo do altar major o qual todo he de madeira e esta ornado de excelentes pinturas e sito na Capella mor, cujo tecto he de abobeda e tem no arco suas grades de pao razas. Esta Igreja he de huma so nave, e juncta a Capella mor para a parte da epistolla tem huma Capella de abobida toda pintada, com seu altar de retabollo de madeira dourado, e no mejo hum nicho com a Imagem de Nossa Senhora dos Remedios ornada com toda a perfeissã e no arco da Capella suas grades de pao razas, da parte do Evangelho em sua Sancristia com a porta, para a Capella mor, e juncto a ella huma torre com seu sino cuja entrada he pella mesma sancristia, e na mesma esta a emtrada para o pulpito que he de pedra e do mesmo lado se acha a Capella do Batisterio junto a huma porta principal, que fica para a parte do Poemte e para a parte do Sul tem a mesma Igreja hũa porta travessa pequena, o Parroco desta Igreja he cura decleisã do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo com aprezentassam de pessoa alguma nã sem mais renda do que dois mojos de trigo para os quais lhe da cada hum dos Priores da Villa, quinze alqueires e para mojo e mejo se fas distribuisam pellos freguezes e a Igreja nam tem rendimento algum, e he fellial das duas da Villa, por cuja couza se pagam a ambas todos os dezimos do distrito desta freguezia que he munto abundante de pam e frutos. Em distancia de tiro de balla desta Parrochial Igreja para a parte do Poente se acha a Ermida de Sam Marcos que he de huma so nave e tem huma pequena capella em que se acha o altar, com seu retabollo de madeira dourado, e no mejo hũ nicho com a Imagem do dito Sancto, e tem a porta principal para Norte, e huma pequena para o poente com distancia de hum quarto de



Beirã e Barretos, em 1934, CMP 1/25000

legoa para a mesma parte do Poente dentro dos couttos da Villa de Marvã se acha a Ermida do Senhor Sam Pedro que he pequena e tem hum altar com seu retabollo de madeira pintado e no mejo hum nicho com a Imagem do dito Sancto e no mesmo retabollo se acha pintada a Imagem de Sancta Marta á qual se fazem muntas romagens, das povoasoins sircumvezinhas por todo o discursso do anno, tem esta Ermida a porta o Poente, por sima da qual tem outra Imagem do mesmo Sancto feita de pedra e para a parte da episttolla pella parte e fora hũ pulpito feito de pedra ambas sam felliais desta Parrochial Igreja, e nenhuma em rendimento algum. De Marvam que todos os annos costuma vender hum delles em prassa publica; e outro o dam de grassa para os moradores da dita Villa e termo uzarem delle e no distrito desta freguezia nam ha Serra alguma mas he munto fragoza e cheia de grandes canxos por emtre os quais se criam muntos pastos com que se sustemtam, muntos rebanhos de gados, para os quais os costumam comprar seos donos aos deputados do povo da Villa de Marvam e remdem avultados pressos, o que se dispendem nos partidos do medico surgiam boticario mestres de latim e da escolla da dita villa e com os pregadores das tardes da Quaresma e do triduo das quarenta horas, e outras obras pertemsentes ao bem comum do povo. Tem esta freguezia Juis e escrivam da ventena elleitos pella Camera da sobre-dita Villa esogeitos a jurisdissam da mesma e dista da cidade de Lisboa Capital do Rejno trinta e seis legoas e confina com o Rejno de Castella e no distrito desta freguezia se acha huma fonte no sitio de Maria Viegas para a parte do Norte perto do termo de Castello de Vide que mostra correr minaral de enxofar segundo o seu gosto e cheiro, chamada Fedagoza a qual se vem buscar agoa de muntas terras e tem vindo pessoas de terras distantes a tomar banhos. Da parte do Sul da Villa de Marvã por sima da Ponte Velha, aonde esta freguezia se divide de huma das da Villa de Marvam e a da do Salvador e dos distrito dos Galegos que tambem era freguezia distinta, antes da guerra daclamassam, e hoje se acha unida as duas da Villa por alternativa emtra no distrito desta freguezia a Ribeira de Marvam a qual se chama o Rio de Sever e tem seu nascimento na sobredita freguesia do Salvador vaj correndo para a parte do Nascente sempre por entre grandes penhascos munto arebatada por espasso de hum quarto de



Beirã em 1984, CMP 1/25000

legoa, dividindo o destrito desta freguezia da dos Galegos e he onde chamam a Nugueira do Cabral e neste espasso, tem sete moinhos e so hũ nam moe ao prezente por ter alguma roina e três pizoins situados no destrito dos Galegos e mais hum moinho e neste mesmo espasso tem ojto asudes para todos os sobreditos emgenhos, e logo que entra no distrito desta freguezia tem huma ponte com hum arco grande athe o qual tempo hera de madeira e tem outro arco pequeno de alvenaria, e por sima seos bordos da mesma tem bastante altura e esta formada, sobre dois canxos, por cuja cauza tem as para serventia e em todo este espasso tem a dita ribeira munto pouca vargem, e he munto. De peixes e trutas no mejo deste espasso aonde chamam o Pego do Ferreiro, entra nesta ribeira, o Ribeiro dos Gallegos, munto abundante de agôa, qual numca seca e cria tambem peixes especialmente trutas, tem seu nascimento na serra fria, de fronte de humas penhas grandes chamadas da esparoeira e corre pello Monte dos Galegos, junto ao qual tem hum despenhadeiro munto grande demais de vinte palmos de altura, e cahe para hum fundo posso chamado Adorna, aonde tambem se criam boas trutas e daqui com cursso arebatado para o Nascente se vem meter na dita Ribeira, e esta do sitio da Nugueira do Cabral principia a fazer volta para Norte e por espasso de mais de hum quarto de legoa corre munto percipitada por emtre grandes penhascos dividindo o Rejno de Castella, da parte do qual tem seis moinhos e hum pizam, de que se servem os moradores da Villa de Vallemsa, e para estes todos tem seos asudes, com grandes peguias e chegando no sitio do Cavallo corre emquanto nam ha grandes chejas, em distancia de tiro de espingarda por de baxo de humas grandes penedias sem se ver agoa a mais a baixo se acha huma pedra que atrevessa a Ribeira de hum lado a outro e aguda por sima a que chamam o Cavallo, de baxo da qual Passa toda agoa da dita Ribeira e daqui para baixo vaj comcursso mais brando por terra mais plana e dividindo sempre os Reinos e tem boas vargens em que se



Ribeira da Beirã e a Ponte da Murta



«a ribeira»...«munto abundante de agôa, qual numca seca e cria tambem peixes especialmente trutas»

sameam grandes feijoais trigo e melanciais the ao fundo da erdade dos Pombais e passando desta torna a tomar cursso mais arebatado, por entre fraguis, munto arebatados the dar ao Porto dos Cavaleiros, aonde emtra nella o Ribeiro do Val do Cano munto abundante dagoa, o qual divide o destrito desta freguezia e termo da Villa de Marvam com o de Castello de Vide o qual Ribeiro tem seu nascimento no termo de Castello de Vide e em todo o sobredito espasso lhe emtram dentro varios ribeiros, que nascem no destrito desta freguezia e esta ribeira em todo o destrito desta freguezia he munto abundante de peixes e trutas, e tem munto arvoredo silvestre de huma e outra parte e se extende por mais de huma legoa com a sua corrente, que se emcaminha para o Tejo, no qual emtra no no termo de Montalvam, depois de se ter emcorporado com Rio de Alburrol. No destrito desta freguezia emtre a fonte de que asima se fallou, e ribeiro do Val do Cano, se acha o sitio a que chamam Torre do Azinhal, aonde hera a cidade de Medrobega da qual ha inda vestigios grandes que sã alicerses de cazas e parte de huma torre grande com hum arco e todo o terreno esta hoje reduzido a terras em que se semea pam e se tem tapado muntas dellas. Da destruisã desta cidade nã achei noticia por ser munto antiga, mas parese foi tambem habitasã de gentios estava formada em huma meja costa para a parte do Nascente e porto da Ribeira sobredita que lhe fica a vista e dentro da situasã da dita cidade se acha inda hoje hũa fonte de cantaria bemfeita. Por todo o destrito desta freguezia sã livres as pescarias na sobredita ribeira em todo o anno na parte que divide os rejnos, por serem suas agoas, comuas, para ambos, e tambem se regã as vargens com a mesma agoa, sem que se pague pensam alguma. Estas sã as noticias com que poso dar a Vossa Excelencia e Reverendissima a informassam que me ordenou, e em tudo mais cudarei em não faltar a obediencia que devo a Vossa Excelencia Reverendissima que Deus guarde muitos annos, Sancto Antonio das Areas 10 de Majo de 1758.

De Vossa Excelencia Reverendissima

Subdito e humilde venerador

O Cura de Sancto Antonio Manoel Moratto Sanches "

(ANTT, *Memórias Paroquiais*, vol. 4, nº 64, pp. 353 a 362)

(Machado & Gorjão, 1993, 64-68)

Pelo documento acima transcrito verificamos que existia ainda na área da Freguesia de Santo António das Areias a ermida de S. Pedro. Situava-se, ou situa-se o que dela resta, hoje casa de habitação, junto à calçada da Abegoa. Quem desce a calçada que sai do núcleo da Abegoa, imediatamente antes de entrar na estrada alcatroada a última casa à direita era a Ermida de S. Pedro. Ainda me recordo da velha estrutura religiosa já profanada a servir de armazém de palha para animais. A porta virada para Marvão e o que restava do altar estava orientado. Nos meados dos anos 90 do século XX a Câmara de Marvão autorizou a transformação completa do velho tempo em casa de habitação. Originariamente seria um templo de uma só nave, com telhado de duas águas. No



Ermida de S. Pedro da Abegoa em 1981, já dessacralizada

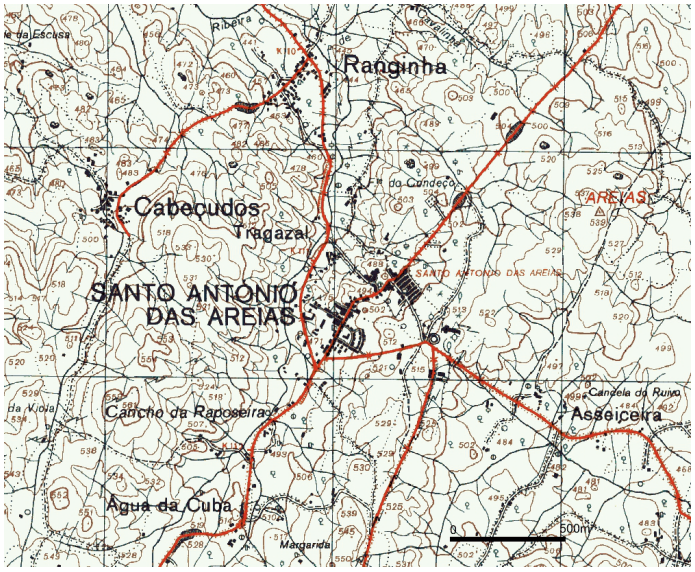
exterior, do lado poente, ainda que muito derrubado, parecia subsistirem os restos de um púlpito. Provavelmente deste púlpito exterior, em dias de maior afluência, o pároco faria as suas pregações. Deste templo não encontrámos mais nenhuma referência, para além da descrição nas denominadas "Memorias Paroquiais".

Da muita e rica informação que estes documentos contêm queremos aqui destacar que em 1758 nos denominados "outeiros" de Santo António das Areias, para além da igreja paroquial apenas existia a casa do ermitão. Diz-nos, portanto, o Padre Mourato Sanches que nessa data não existiria ainda um aglomerado urbano no local onde se viria a desenvolver a actual aldeia. Duas igrejas, a de S. Marcos e a de Santo António e da casa do ermitão seriam as edificações que em meados do Séc. XVIII aqui existiriam. Pelo contrário outros núcleos urbanos, hoje de pequena dimensão, comparados com a sede de freguesia, em meados do século XVIII tinham mais população. Sabemos que em 1756 a Freguesia de Santo António das Areias tinha 74 menores de 7 anos, 249 maiores de 7 anos e que dois anos depois, em 1758, na freguesia havia 86 fogos e uma população total de 353 pessoas (Coelho, 1924, 231). A Ranginha, que tinha 70 pessoas, 39 maiores e 41 menores, os Barretos que tinham 98 pessoas, dos quais 69 adultos e 29 menores, os próprios Cabeçudos com 57 pessoas, 35 adultos e 22 menores e a Asseiceira com 21 pessoas, das quais 10 adultos e 4 menores, já se estruturavam como centros urbanos, ao contrário da própria sede de freguesia que apenas teria a casa paroquial. Testemunham também estas afirmações a cartografia militar dos inícios do séc XIX e as "Memórias Descriptiva e Militares do Termo de Huma Parte da Fronteira do Alentejo" elaboradas por José Maria das Neves Costa, em 1804. Depois do inquérito de 1758 as informações escritas sobre Santo António das Areias são muito escassas se exceptuarmos as "Memórias" de Neves Costa. Durante o século XIX o conhecimento sobre a freguesia de Santo António das Areias resume-se praticamente ao que se publica em Espanha a propósito das festas de S. Marcos, que o nosso Amigo Rui Arimateia noutro artigo descreve, à notícia sobre as águas termais da Fadagosa, que também neste volume se estuda e as referências romanceadas ao contexto social da freguesia durante a construção do Ramal de Cáceres, bem descrito por D. João da Câmara, na sua peça "Os Velhos". Nos alvores do século XX, voltamos a ter informações sobre a freguesia pela correspondência de Leite de Vasconcelos com José

Domingos de Oliveira e Joaquim Maçãs a propósito das escavações realizadas por Pedro Pena na zona de Vidais. A escassez de documentação termina com a publicação, em 1924, da riquíssima monografia "Terras de Odiana" de autoria de Possidónio Laranjo Coelho.

Embora a informação escrita seja muito escassa para o século XIX e mesmo para os inícios do século XX, alguma documentação cartográfica e as descrições de José Maria das Neves Costa e do mapa a ele atribuído, datados de 1804, permitem-nos compreender como foi lento o desenvolvimento do núcleo urbano de Santo António das Areias até ao estabelecimento das indústrias por João Nunes Sequeira, a partir dos finais da década de trinta do século XX. As descrições de Neves Costa desta parte do concelho de Marvão, pelo seu pormenorizado rigor e interesse para o estudo da evolução das freguesias de Santo António das Areias e da Beirã merecem que sejam integralmente aqui transcritas.

Assim descreve Neves Costa a freguesia de Santo António. Atente-se que nunca se refere a qualquer aglomerado urbano no local de Santo António à excepção da Igreja Paroquial. Depreende-se que o núcleo urbano não existia como tal. Seria composto pela Igreja, pelas ruínas da ermida de S. Marcos e pela casa do ermitão, a darmos crédito, quer à cartografia, quer às Memórias Paroquiais do séc. XVIII acima descritas.



Santo António, Ranginha e Cabeçudos em 1984, CMP 1/25000

Desta forma verificamos que os núcleos habitacionais existentes nos inícios do século XIX eram os seguintes: "Barretos, Ranginha de Baixo e de Cima, Cabeçudos, Ceiceira, Vale de Carvão, Água de Cuba e Tragazal". Santo António, enquanto povoação, não existia e da Beirã apenas há referência à "Ribeira da Beiram". Mas vejamos como era composto cada um destes lugares que formavam a Freguesia de Santo António, em 1804:

Barretos, cujo topónimo aponta para local com presença de barro, ou da sua extracção. Embora hoje não se conheça no local nenhum barreiro activo ou vestígios de algum forno, tal não impede que não pudesse, em tempos, aí ter sido local de recolha de argilas. Repare-se que se trata de um dos poucos locais nesta zona norte do concelho onde ocorrem alguns solos argilosos. O forno de cerâmica mais próximo que se conhece é o que resta do que nos inícios do século XX e que o Padre João Oliveira

mandou construir junto à Herdade dos Pombais à esquerda da estrada que une esta propriedade à sede da freguesia da Beirã. Este forno terá tido pouca utilização porque as telhas e tijolos que aí eram fabricados, segundo ainda está na memória dos mais idosos, fracturavam-se com muita facilidade. Parece que o barreiro que abastecia este forno e que se encontra nas imediações não teria a qualidade plástica necessária ou a quantidade de elementos não plásticos a incorporar na pasta não estariam suficientemente calibrados. Parece que no seminário onde o Padre João de Oliveira se formou não teria a disciplina de olaria, assim comentam os mais idosos, que me transmitiram esta história. Vem esta referência a propósito do topónimo Barretos. Parece que o Padre João perante a fraca qualidade do produto do seu forno terá trazido barro de outros locais, sendo certo que um dos locais foi o Barreirão, à meia encosta de Marvão, antes de se chegar à Abegoa e também ao Vale dos Almagreiros, nas imediações das Ferrarias, já próximo da Portagem. O topónimo Almagreiros está, indubitavelmente relacionado com argila muito fina e vermelha, de grande plasticidade normalmente utilizada para "engobar" as cerâmicas tornando-as mais impermeáveis e lisas. Parece que mesmo assim, com argilas mais generosas o forno do Padre João continuou sem sucesso tendo em breve trecho deixado de funcionar. Ficamos, contudo, sem saber se também procurou barros nos Barretos. Hoje no local, por entre muitas silvas ainda são visíveis os muros do centenário forno do Padre João. A povoação de Barretos, onde a água abunda e os solos apresentam boa qualidade para horticultura situa-se na confluência de várias vias ancestrais, motivos suficientes para gerarem a constituição de um aglomerado urbano. Não há muitos anos a maioria das estruturas habitacionais dos Barretos, sobretudo as que ladeavam a calçada antiga que passa junto às duas principais fontes eram constituídas por sochas. Aparentemente, só com a construção da estrada que hoje liga directamente a Ranginha à Beirã é que as construções mais ricas, porque de comércios se tratava, começaram a ser construídas e paralela e paulatinamente as velhas sochas foram substituídas por habitações com cobertura de telha, embora ainda hoje algumas se mantenham, não como habitação mas como espaços de guarda de alfaias agrícolas.

Mas vejamos o que nos diz Neves Costa, em 1804, sobre esta aldeia:

"Barretos ..... Tem 39 fogos – 153 almas

He composto este lugar de pequenas cazas rusticas irregularmente siyuadas um terreno achatado, mas coberto de montes de rochas de diferentes grandezas, que fica ao Nte e NE de Marvão. Dista a desta Praça pouco mais de meia legoa e fica ao NE della entre os ribeiros do Pego d'Elrei e o da Beiram. As arvores e os rochedos dos quais alguns dominão a povoação, a fazem puco visível da campanha vizinha."

Ranginha, topónimo de origem incerta aparece por vezes grafado nos Registos Paroquiais mais antigos como Arranginha, Arranginho, Ranginho e Ranchinho. A fundação da Ranginha alicerça-se, pelo menos, na Alta-Idade-Média. Na parte alta deste núcleo urbano conhecem-se várias sepulturas escavadas na rocha e elementos líticos de um lagar também contemporâneo destas primeiras comunidades cristãs.

100
95
75
25
5
0

p 42
9 de fevereiro de 2021 16:37:05

Até ao terceiro quartel do século XX, o núcleo central da Ranginha, ladeando o principal eixo viário era constituído, maioritariamente por pequenos comércios genéricos e por tabernas. Entre estas casas existe uma, que na tradição popular se diz que está assombrada. Provavelmente por esse motivo raramente se viu habitada.

Segundo Neves Costa o sítio, em 1804, era formado por:

"**Ranginha de baixo** ..... Tem 18 fogos – 81 almas

Ranginha de cima ..... Tem 17 fogos – 78 almas

Num cabeço cheio de rochedos que fica entre os Barretos e a igreja de Sto Antonio das Arêas ao NE de Marvão a meia legoa distante desta Praça ficão as cazas da Ranginha decima igualmente pequenas e rusticas, espalhadas por entre os ditos rochedos e algumas arvores. Ao NO deste cabeço fica huma pequena planice ou varzea por onde corre o ribeiro da Beiram, e nesta várgea he que ficão espalhadas as cazas que formão a Ranginha de baixo."

Cabeçudos, singular núcleo urbano situado a curta distância da Ranginha, no cimo de um cabeço granítico, localização de onde lhe advém o topónimo. Até há poucos anos esta aldeia era praticamente composta só por habitações circulares de pedra seca, cobertas por estrutura cónica revestida a giestas, as vulgarmente denominadas sochas ou choças. Esta singularidade levou a que António Jorge Dias evidenciasse esta pequena aldeia num dos seus estudos publicados no nº 71 do *Archivo Español de Arqueologia*, em 1948. A Casa do Laranjal, mandada construir nos finais do século XIX por Joaquim António de Oliveira, até meados do século XX, era a única construção desta aldeia que tinha cobertura de telha. A sua população, até à instalação das indústrias de Santo António das Areias vivia, maioritariamente, dos trabalhos agrícolas sazonais e para compensar a escassez deste incerto rendimento dedicava-se ao contrabando e ao fabrico de picão. Tratava-se, assim, duma das mais pobres comunidades do concelho de Marvão. O acesso à aldeia, durante grande parte do inverno só era praticável a pé ou de besta. Foi durante o mandato camarário do Dr. Manuel Magro Machado, que várias vezes por motivos profissionais, como médico, se teve que aventurar a visitar doente nos Cabeçudos e se deparava com o impraticável caminho com que se acedia a esta aldeia, que conseguiu as verbas necessárias para a construção da estrada que ainda hoje serve esta isolada povoação. Era natural desta escondida aldeia o aventureiro Pedro Pena, primeiro escavador do Complexo Arqueológico de Vidais, que ficou imortalizado no texto de Possidónio Laranjo Coelho, Terras de Odiana e que também aparece referido na correspondência trocada entre Leite de Vasconcelos com António Maçãs e José Domingos de Oliveira a propósito de Vidais e Aramenha.

Sobre esta pequena aldeia Neves Costa diz-nos o seguinte:

"**Cabeçudos** ..... Tem 15 fogos – 69 almas

He hum pequeno lugar ou Monte situado a NE de Marvão, perto da Ranginha de cima

e dos Barretos, o qual está situado sobre huma eminencia de rochedos, e as suas cazas são de natureza das outras já descritas nos lugares referidos."

Asseiceira ou Ceiceira é hoje um pequeno lugar associado a outro grupo de habitações denominado de Relva. Segundo alguns dicionários Asseiceira é palavra árabe que significa centro administrativo. A darmos crédito a este significado poderemos encontrar alguma possível relação com os testemunhos arqueológicos atribuídos aos princípios do período medievo que se conservam nas terras envolventes do pequeno casario da Asseiceira. Eventualmente aqui se situaria algum assentamento com funcionalidades administrativas durante a ocupação islâmica. Contudo, os testemunhos arqueológicos que nesta zona se registam apresentam diminuta notoriedade para neles estar instalado algum centro de poder administrativo, para além de que orograficamente este local não tem qualquer prevalência sobre a paisagem envolvente por se situar numa zona baixa, junto a pujantes nascentes de água ladeando um velho caminho que de Santo António das Areias se dirige para terras de Espanha.

Segundo Neves Costa, em 1804,

"**Ceiceira** ..... Tem 11 fogos – 40 almas

Este lugar fica meia legoa distante e a ENE de Marvão. As cazas são como as dos outros lugares já descritos; ao Nte e Occidente dellas fica huma pequena elevação guarnecida de rochedos, que as encobrem á vista da campanha vizinha; a Leste fica a pequena planície chamada Relva da Ceiceira, cheia de fazendas, arvores, e de varias cazas espalhadas. Todo o outro terreno vizinho he difícil como o dos lugares já ditos."

Outros locais habitados descritos por Neves Costa, em 1808, são o Vale de Carvão, hoje formado por casais temporariamente habitados e algumas casas já em ruínas, Água de Cuba e Tragazal que actualmente, face à expansão urbana de Santo António das Areias, praticamente poderemos dizer que se constituem como parte integrante da aldeia sede de freguesia. O topónimo Tragazal, que em dicionário aparece como planta herbácea de sítios húmidos, ocorre grafado como "Fragasal" em, pelo menos uma planta dos finais do século XVIII. Se originalmente se denominasse Fragasal a sua origem faria mais sentido atendendo à localização deste aglomerado de casas que se situa por entre as grandes fragas de granito e pelas quais corre o ribeiro do mesmo nome. Nas imediações do Vale de Carvão mas, sobretudo, na zona da Água da Cuba abundam os vestígios de aglomerados urbanos e não simples casais, atribuíveis à Alta--Idade-Média. A abundância de água na zona da Água da Cuba e Mourata, topónimos directamente associados à presença árabe podem justificar os assentamentos pós--romanos que aí se conhecem e que deram origem aos núcleos urbanos que ainda hoje aí subsistem.

Vejamos como nos descreve Neves Costa estes locais em 1804:

"**Val de Carvão** ..... Tem 9 fogos – 34 almas

100
95
75
25
5
0

p 44
9 de fevereiro de 2021 16:38:23

Fica ao nascente de Marvão e distante pouco menos de meia legoa desta Praça. As suas cazas de natureza das precedentes, e se achão espalhadas por entre hum arvoredo e rochedos, em pouca distancia do Sevêr, e perto do sitio onde a fronteira deixa de ser este rio por limite, principiando a ser formada pelos cabeços dos Malhões. O terreno vizinho he difícil, e impraticável para a artilharia etc.

Agua de Cuba ..... Tem 9 fogos – 38 almas

Este Monte fica a menos de meia legoa ea NE de Marvão, ao pé do cabeço deste nome todo composto de rochedos, e na quebrada que forma o ribeiro de Beiram que alli principia. As arvores e rochedos encobrem as cazas á vista da campanha vizinha.

Tragazal ..... Tem 5 fogos – 29 almas

Fica adiante da Agoa da Cuba, na quebrada da ribeira da Beiram, e perto da Freguezia ou Igreja de sto Antonio." (Neves Costa, transcrição de 1972, pág. 71 - 72)

Algumas páginas mais à frente Neves Costa ao tratar dos caminhos e acessos nesta zona do Alentejo informa-nos ainda:

"Da Villa de Marvão para Hespanha

Caminhos de Carretas

Há dois, hum que vai a NE de Marvão atravessa o Sever no Porto das Amendoeiras ou Sesmo, outro que pela Portagem, vai junto dos lugares de Gallegos e Pitaranha, aos altos da serra da Esparoeira. O primeiro desce a montanha de Marvão pelo lado NE, pelo sítio das fontes de Selorica e Alagõa (Abegõa?), e passando junto da Capella de S. Pedro, se divide em dois, o mais oriental dos quaes he o melhor, e vai pelos altos das areas, passando diante e ao nascente da Igreja de Sto Antonio, o segundo não he impossível para carretas, mas he muito ruim e passa mesmo junto da sobredita Igreja, e se reúne depois com o primeiro o qual se dirige sempre para NE até chegar ao Sevêr, que atravessa no vão das Amendoeiras ou do Sermo (Sesmo?) que lhe fica contiguo e mais acima, sendo as margens deste rio muito fáceis neste lugar, e dalli a estrada vai directamente a Valença de Alcantara, etc" (Neves Costa, 1972, pág. 108)

Acompanha esta descrição um interessante documento cartográfico, várias vezes trabalhado, e que nos ajuda a melhor compreender como ainda nos inícios do século XIX, a aldeia de Santo António das Areias não ia além da Igreja Paroquial, Ermida de S. Marcos, já em ruínas e casa do ermitão, como se pode ver pelo documento cartográfico que acompanha a descrição de Neves Costa e no que à Beirã diz respeito apenas se refere a ribeira com o mesmo nome. Compreende-se, assim, que sítios como Barretos, Cabeçudos, Ranginha, Asseiceira, Água da Cuba e mesmo o Tragasal são de fundação anterior à aldeia de Santo António das Areias. Pela proximidade à Igreja Paroquial, poderemos dizer que Santo António das Areias, enquanto povoação, nasceu no Tragasal, onde hoje meia dúzia de casas se organizam em torno da velha fonte, unindo-se pela denominada Calçada do Tragasal ao centro urbano de Santo António.

Pela Carta Corográfica de Portugal, impressa em 1875, promovida por Filipe Folque a partir de meados do século, ainda que à escala 1/100000, podemos perceber que praticamente a sede da freguesia manteve-se idêntica à descrição do Padre Mouratto Sanches, datada de 1758, isto é, resumia-se aos dois templos e à casa do ermitão. Pela carta 1/50000, de 1902, já se verifica algum desenvolvimento urbano, sobretudo à volta da igreja paroquial e observa-se o que poderá ser a cerca do primitivo cemitério junto à ermida de S. Marcos, ambos destruídos nos finais da década de 30 do séc. XX. Se esta carta for suficientemente rigorosa nela já se desenha um conjunto de cerca de 8 a 10 casas a definirem o perímetro do que ainda hoje configura ao largo envolvente da igreja e de uma forma descontínua a ligação ao pequeno aglomerado da Água da Cuba. Em 1936 é publicada a primeira carta à escala 1/25000. Nesta carta, muito mais pormenorizada, observa-se já um maior desenvolvimento urbano, sobretudo para nascente, em direcção à recente praça de toiros, inaugurada no dia 25 de Abril de 1932, assim como o preenchimento gradual dos espaços no eixo viário para sul, já ultrapassando a Fonte da Vala. A zona baixa do Tragasal começa a preencher-se, primeiramente com choças e só depois e, muito gradualmente, com casas cobertas com telha.



Casa paroquial e Igreja de Santo António das Areias, primeiros elementos arquitetónicos da aldeia, fotografia de 1980

A Igreja de Santo António das Areias remontará, assim, a meados do século XVI. No século XVIII, em 1780, terá sofrido obras de recuperação, provavelmente devido aos efeitos do terramoto de 1755, que sabemos que fendeu o arco do altar e outros danos terá provocado. Não temos nenhuma descrição nem da primitiva igreja nem das obras que terão sido executadas e eventualmente que adornos terão sido adquiridos. Com toda a segurança o altar foi reformulado e o retábulo quinhentista original foi desmontado e as tábuas pintadas que o compunham terão sido emolduradas e passaram

a fazer parte da decoração parietal do corpo da Igreja. Embora não tenhamos nenhuma descrição dessa época, preservou-se um treslado do arrolamento dos bens da Igreja que se elaborou na sequência da Implantação da República e da Lei da Separação do Estado da Igreja, onde se enumeram os bens móveis existentes neste templo, em 1911. Pela sua importância e porque o original se perdeu, ou pelo menos não se encontra junto aos das outras freguesias que se guardam no Arquivo da Câmara, e que tivemos oportunidade de publicar, há alguns anos, num dos volumes da Revista Ibn Maruán, faltando-nos nessa data o acesso a este treslado, que agora nos foi facultado pelo Sr. Manuel da Pires Dias e que pela sua importância para a história local, passamos a transcrevê-lo na totalidade. Repare-se que neste documento se fala das tábuas pintadas que seriam seis, hoje reduzidas a metade e que fariam parte do retábulo original do altar-mor. Assim se lê no treslado:

«Francisco d'Ascensão Ribeiro, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Marvão:

Certifico que na Secretaria desta Camara Municipal de Marvão existe arquivado o arrolamento da Igreja Paroquial da freguesia de Santo António das Areias, deste concelho do qual consta o seguinte:

– Uma imagem de Santo António, outra de S. Marcos, de tamanho quasi natural, outra de S. João Batista, pequena, todas de estrutura inferior e outra de São Miguel Arcanjo de escultura regular, metido dentro de um oratório.

– Uma imagem de São Lucas e outra de São João Batista, pequenas.

– Uma imagem da Senhora dos Remédios com um menino ao Colo, tamanho quasi natural.



Interior da Igreja de Santo António das Areias (2020)

– Um crucifixo e seis castiçais em madeira dourada – Dois crucifixos encarnados – oito castiçais um pouco menores, também de madeira dourada e quatro de estanho e dois baixos de latão – três sacras em uso, ordinárias e três bôas com molduras dourada – Duas pirâmides para palmitos e quatro ditos – Um sacrário em uma caixa bronzeada – três pedras de ára – três estrados de madeira dos altares – cinco mesas, um banco de espaldar e dois pequenos – seis quadros a óleo de madeira – Uma estante para missal e dois missais em bom estado e um velho – Um livro para cantochão – Uma lâmpada de metal amarelo e outra de metal prateado – um confessionário de madeira de castanho – Seis caixas para esmolas – Uma estante para cantochão – cinco cadeiras de madeira de castanho e duas de braços – Um arcaz de madeira de castanho e uma cómoda grande para arrecadação de paramentos – Vinte e sete paus de castanho, de refugo – cinco

100
95
75
25
5
0

p 37
9 de fevereiro de 2021 16:39:28

andores, dois esquifes grandes e dois pequenos – Um arco de ornamentações e diversas peças para o mesmo fim – tres páz e uma barrica em mau estado – Dois cabides com seis braços, um com cinco e outro para toalhas - Tres escarradores de madeira – Duas varas para guiões grandes, com travessões - Duas varas para guião pequenos, sem travessões – Quatro varas de palio – Nove pontaletes – trinta e duas tocheiras – duas lanternas de palio e respectivas varas – Um baú de couro – Um crucifixo de metal de procissão – Um turíbulo – Uma caldeirinha de agua benta – Uma cruz de madeira pintada de preto para procissões – Duas bacias de esmolas, de metal amarelo – Um par de galhetas e prato – uma sem a aza, outra em bom estado – Quatro livros pequenos – Um caixilho para calendário – Uma caixa de lata para hóstias – Dois sinos.



Largo da Igreja de Santo António, anos 20 (?) (Arq. João S. Sequeira)

Roupas e paramentos

– Uma casula de damasco de seda com sebastos de veludo vermelho, em uso – Uma outra de lã verde com sebastes roxos, usada – outra dita de damasco de seda com galão dourado, boa – Uma casula de damasco vermelho, sebastes de veludo grenat, boa – Oura de damasco de seda creme e amarela, com galão amarelo – Outra de damasco de seda preta, com galão amarelo – Outra de lã, fantasia, com galão amarelo – Outra de damasco de seda vermelha com galão amarelo – Outra de veludo preto, com galão amarelo – Duas estolas de veludo preto com galão e franja dourada. Estas quatro ultimas peças compõem um jogo, em bom estado – Uma capa de lã roxa, velha – Um pano para ofícios. Preto com galão dourado – Um frontal de damasco de seda vermelho com galão dourado – Uma capa de damasco de seda vermelha com galão dourado, velha – Um veu de ombros de damasco de seda vermelha, em bom estado – Um frontal de damasco de seda preta com galões dourados – Outro de damasco de seda vermelha com galões dourados – Outro de casteleta verde, velhíssimo – Uma capa de damasco de seda branca, muito velha – Um frontal de damasco roxo, velho – outro de damasco branco, velho – Outro de lã preto, velho – Outro de damasco

100
95
75
25
5
0
p 48
9 de fevereiro de 2021 16:40:24

encarnado, velhíssimo – Outro de damasco vermelho, regular – Uma capa de damasco vermelho, regular – Uma capa de damasco vermelho, regular – Uma capa de damasco vermelho, regular – Uma capa de damasco vermelho, bom estado – Um pano de damasco para estante de missal, branco, velho – Uma capa de damasco de seda cor de cana e amarelo com sebastos vermelhos – Um veu de ombros, de damasco branco, velhíssimo – Uma capa de damasco de seda branca velha – Outra de damasco de seda,



Jardim e Largo de Santo António, anos 20 (?) (Arq. João S. Sequeira)

branca, velha – Outra de pano abrilhantado, com galão amarelo, velhíssimo – Um cortinado de damasco vermelho com franja de seda – Um pano de estante – Um frontal de damasco branco, muito velho – Outro de damasco encarnado, velhíssimo – Outro de damasco branco com desenhos amarelos, bom estado – Uma manga de cruz, preta com galões dourados, bom estado – Outra de damasco de algodão branco e amarelo com barra encarnada – Um oratório pequeno para o menino Jesus – sete ópas de sarjão encarnado, bom estado – Vinte e sete ópas brancas em mau estado – Desasete ópas encarnadas, velhas – Trese cortinados de diferentes cores, uso e qualidade – Duas guarnições de docéis, velhas – Uma manga de cruz, de damasco vermelho e branco, em mau estado – Tres frontais muito velhos – Ouze ópas brancas em bom estado – Cinco bolsas corporais, completas – Uma caixa com vestidos do menino Jesus e vários utencílios de cama – Uma capa de seda preta com galão prateado, em bom uso – Uma capa de setineta vermelha de São Marcos, bordada a ouro, bom estado – Um manto de Nossa senhora, com franja dourada – Uma casula de damasco de lã verde, com sebastos roxos, mau estado – Uma capa de São Marcos, de seda cor de rosa, regular – Uma capa de Santo António, de setim preto, boa – Um veu de ombros de seda amarelo torrado – Um guião branco de damasco, de São Marcos, bom – Um manto de Nossa senhora, de seda verde com estrelas de lata, bom – Uma bandeira de damasco vermelho, de santo António, em mau estado – Outra de damasco vermelho de Santo António, em bom estado- Um manto de seda branca bordada a seda, de Nossa senhora dos Remédios, mau – Um palio de damasco branco, com galões dourados, bom estado – Um pano de estante, preto, novo – Um manto de Nossa

senhora, de seda, fantasia, bom – Um manto de Nossa Senhora, de seda de cor de rosa, em uso – Um manto de Nossa Senhora, de lã, velhíssimo – Outro de setim cor de rosa, velho – Outro de seda amarela bordado a matiz, bom – Um metro e vinte e cinco centímetros de franja de prata, nova – Quatro metros de franja preta, nova – Quatro metros de franja amarela, de seda – Um manto preto de Santo António, mau – Cinco metros de galão amarelo, algodão – Vinte fitas de diferentes tamanhos e cores – Um manto de algodão com capuz, muito velho – Um manto de seda , castanha, muito velho – Um manto de seda, velho – Um cortinado de damasco vermelho, com galão dourado, mau estado – Uma renda de altar, boa – Um pano cálix, de gaze, bom – Duas toalhas de mão, boas – Outra toalha de mãos boa – Uma toalha de altar, com renda, bom estado, e mais sete sendo quatro simples e três com rendas – Uma toalha de mãos, boa – Um pano de cálix, bom – Uma bolsa de corporais, completa – Uma toalha de altar, com renda, boa – Uma coberta de chita – Uma Cruz e pianha, de metal branco, do guião grande, novo – Um guião de damasco de seda vermelha, grande e novo – Um crucifixo de madeira com imagem de metal, pequeno – Quatro alvas completas e duas incompletas – Oito toalhas de altar e comunhão – Quatro toalhas de mão – Tres panos corporais – Tres panos de missal – Seis paninhos para limpar o Calix – Uma ambula e um Isópe.


Tourada no Largo da Igreja de Santo António, anos 20 (?) (Arq. João S. Sequeira)

Objectos de prata e ouro

– Um cordão de ouro com uma cruz do mesmo metal com peso de desoito gramas – Um rosario de ouro em mau estado – Um rosario de ouro com cruz e cinquenta e seis avelãs e vinte e oito gramas de peso – Uma cadeia de ouro, nova, com o peso de doze gramas – Uma gargantilha com desasete avelãs, de ouro, e dezoito gramas de peso – Uma gargantilha de trinta e oito avelãs e uma cruz de ouro com três gramas, Outra dita com vinte e oito avelãs pequenas com duas gramas de peso – Um par de brincos de ouro, usados, esmaltados e que pesam doze gramas – Um par de cadeados de ouro, pequenos, usados, que tem de peso duas gramas – Um par de al...eiras de ouro, usadas, que pesam três gramas – Uma cruz de ouro, pequena que pesa três gramas – três berloques diferentes de ouro, que pesam doze gramas – Um cálix de prata com patena e colher – Outro dito pequeno; não é de prata – Uma coroa grande de prata que pesa tresentas e quarenta gramas – Outra pequena de prata em filigrana e que pesa vinte



Mercado de Santo António das Areias, anos 40

gramas – três resplendores de prata, sendo um pequeno que pesam vinte e cinco gramas – Um rosário de prata –

E por nada mais se encontrar se fechou o presente arrolamento que por todos foi assinado. Templo de Santo António das areias, dezanove de agosto de mil novecentos e onze. O Presidente (a) Antonio Rodrigues Curvelo – O Vogal José Machado Junior – O Secretario José Pimentel Pro....im ----------

Nada mais consta do arrolamento de que tracta o requerimento feito. E por ser verdade passo a presente que depois de revisto e concertado vai por mim assinado não levando contra que duvida faça. Vai selada com o selo branco que usa esta Camara. Secretaria da Camara Municipal de Marvão vinte e um de janeiro de novecentos e desaseis.

O Chefe da Secretaria da Camara

Francisco d' Ascensão Ribeiro»



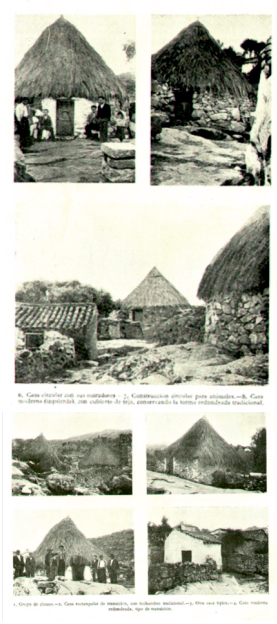
Antiga Fonte de Santo António das Areias, ainda com o azulejo do Estado Novo



Vista da zona central de Santo António das Areias, anos 40



Cabeçudos, anos 80



Os Cabeçudos segundo António Jorge Dias, em 1948



Choça dos Cabeçudos, década de 90



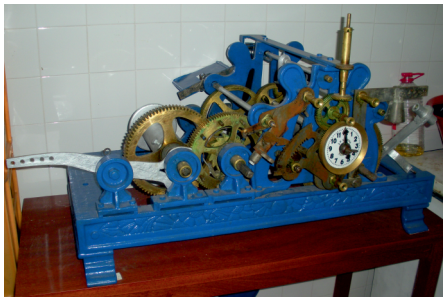
Cabeçudos, forno comunitário





Vista da zona alta dos Cabeçudos





Máquina do primitivo relógio de Santo António das Areias, década de 40



Casa do Povo de Santo António das Areias, década de 60



Mercado de Santo António das Areias, anos 80



Santo António das Areias, actual Av. 25 de Abril, anos 60



Santo António das Areias, Largo Ricardo Vaz Monteiro, em 1975



Vista aérea parcial de Santo António das Areias, anos 80



Jardim de Santo António das Areias em 2010



Jardim de Santo António das Areias em finais de 2020

A partir de 1878, com a construção do Ramal de Cáceres e da Estação da Beirã e pouco tempo depois com a edificação dos "Banhos Thermaes da Fadagosa" a parte norte da freguesia assiste a um forte desenvolvimento económico e social. Nasce a aldeia da Beirã em torno da estação de Caminho-de-Ferro. Alfândega, Guarda Fiscal, ferroviários, despachantes, correios, PIDE a que se associam algumas pequenas indústrias agro-alimentares como foram as do Penedo da Rainha e mais tarde as do Pereiro permitem o desenvolvimento urbano da nova aldeia. No decurso da 2ª Grande Guerra a Estação da Beirã passa a ter um papel determinante no fornecimento de bens aos países em guerra, onde o volfrâmio tem papel de destaque. Nesse período conturbado assiste-se a um forte desenvolvimento económico e social da Beirã gerando um movimento bairrista, bem apoiado politicamente, que leva à criação da nova freguesia da Beirã, instituída a 24 de Junho de 1944. Perde, assim, a freguesia de Santo António das Areias toda a sua zona norte incluindo a aldeia dos Barretos, as ricas Herdades dos Pombais, do Pereiro e do Vale do Cano. Isto é, os melhores solos do ponto de vista agrícola, a aldeia de "serviços" e as Termas da Fadagosa, ainda que nesta altura já em decadência, são desanexados da vetusta freguesia das Areias. Na área da velha freguesia ficam os solos pedregosos intervalados por pequenas hortas ou estreitos campos de centeio. Mas as indústrias que desde a década de trinta começavam a instalar-se na sede da freguesia de Santo António das Areias, promovidas por João Nunes Sequeira, vão dar novo impulso à velha aldeia suprindo o embate da desanexação da Beirã. Um inteligente *cluster* industrial é estruturado na aldeia de Santo António tornando-se praticamente autónomo de outros serviços e empresas externas. Indústrias variadas, sobretudo conserveiras, doces e chocolates, calçados diversos, embalamento a que se juntava a área da impressão, transportes e das oficinas de apoio geram um forte aumento populacional na sede da freguesia e nas aldeias vizinhas. Este fulgor manteve-se até meados da década de oitenta começando a decair com a abertura dos mercados internacionais.



Ribeira do Jardim ou Beiram, a mais antiga referencia cartográfica à Beirã (1808 / 1819)


Estação da CP da Beirã, entrada



"Banhos Thermaes da Fadagosa", Beirã





Casa Dr. Matos Magalhães e lata de manteiga, fabrico Penedo da Rainha (década de 40)



Casa do "Bairro do Povo" (década de 60), Beirã

As prováveis razões para a escolha da Tapada da Beirã para implantação da estação ferroviária já as apresentámos anteriormente. Pela leitura de "Os Velhos", de D. João da Câmara, responsável em parte pelo assentamento da linha e negociação com os proprietários dos terrenos que ele tão bem retrata no seu livro, se depreenda, entre linhas, que não terá sido fácil a expropriação dos terrenos para a chegada do comboio. Implantar uma estação ferroviária e especialmente a última antes de atravessar a fronteira, implicava, obrigatoriamente, a existência de um conjunto de factores determinantes para esse fim. Em primeiro lugar era necessário existir abundância de água, durante todo o ano, para abastecimento das caldeiras das locomotivas a vapor. Teria que se localizar num ponto onde existissem já algumas vias de comunicação que facilitassem o acesso de passageiros e escoamento de mercadorias. Orograficamente teria que ser uma zona relativamente ampla e aplanada onde se pudessem vir a concentrar, não só o próprio edifício da estação e seus respectivos armazéns de mercadorias, como os edifícios de todos os outros serviços que uma estação terminal forçosamente obrigava. Ora a Tapada da Beirã, com a sua velha figueira e casa de habitação, descrita por D. João da Câmara oferecia as condições, justamente necessárias à implantação da estação fronteiriça. Mais para oriente os terrenos são mais secos e menos aplanados ocorrendo já maiores pendentes das margens do rio Sever. Para ocidente aproximava-se Castelo de Vide e esta estação a instalar nas imediações do Sever destinava-se a servir as gentes deste recanto do Alentejo. Por outro lado pela borda da Tapada da Beirã passava o velho caminho que de Marvão se dirigia a norte, passando nas imediações das Águas Termais da Fadagosa, que começavam a ser reconhecidas e sobretudo a Beirã localizava-se a meio caminho das mais ricas

herdades produtoras de cereal, azeite e cortiça que era necessário escoar para o exterior, referimo-nos às herdades Pombais, Vale do Cano e Pereiro. Fica, assim, claro que a Estação de Caminho de Ferro de Marvão – Beirã ainda que se afaste bastante da sede do concelho, o local escolhido para a sua implantação e ligação ao ramal que vinha de Espanha tinha que transpor o Rio Sever por uma ponte que não obrigasse, nem a grandes desvios, nem a complexas estruturas. Recordemos que a instalação de uma linha de caminho-de-ferro obedece a normas que diferem muito de uma rede viária normal. As pendentes não podem ser muito acentuadas e as curvas terão que ser obrigatoriamente muito amplas, assim, o sítio ideal para ligar Castelo de Vide, por via-férrea, a Valência de Alcântara, transpondo o Rio Sever e tendo obrigatoriamente que ter uma estação terminal passava pela Tapada da Beirã, dando origem a uma nova povoação, essencialmente formada por pessoas ligadas à ferrovia, à alfândega, à Guarda Fiscal e à Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Juntam-se a esta gente as respectivas famílias, a Estação dos Correios torna-se obrigatória, lojas para abastecimento da nova população começam a abrir portas, os transportes por carros de tração animal ligam a Beirã ao resto do concelho e aos Banhos Termais da Fadagosa. Com o aumento da população instala-se a Escola de Ensino Primário. As noites são passadas no clube, a Beirã torna-se num núcleo urbano de serviços, que comparativamente com o restante concelho evidencia um maior poder de compra. Em torno da velha estação, renovada pelo menos duas vezes, a última na década de 40 do século XX, altura quando recebe os belíssimos azulejos que decoram a fachada virada para a via-férrea, começa a nascer uma nova povoação com construções cuja arquitectura se destaca da tradicional da região. Uma arquitectura "nova", porque o poder de compra a isso permite numa nova terra. O primitivo espaço



Beirã, pavimentação da Rua Matos Magalhães (1961)



Funcionários da CP, GF, Alfândega e apalpadeira da Beirã (década de 50)



«Claustro do Convento de St.ª Clara – Portalegre»
Painel de azulejos da Estação da CP da Beirã, de Jorge Colaço


Vista aérea da Beirã (1986)


Fachada da Igreja paroquial de Nª. Srª. do Carmo da Beirã

religioso, instalado numa parte de uma moradia, rapidamente pelo poder económico da Família Vivas passa para a nova Igreja integralmente suportada pelos recursos dessa família. Dedicada a Nossa Senhora do Carmo, porque a esposa do benemérito, Manuel Vivas, se chamava Carmen. Estamos em meados da década de quarenta do século XX. Ainda se sentiam nesta zona de fronteira os efeitos da Guerra Civil Espanhola (1930 – 36) e já a Segunda Grande Guerra e a política de pseudo-neutralidade de Salazar se fazia sentir na Estação Fronteiriça da Beirã. Por aqui se escoavam, quer para os Aliados, quer para os Alemães, abundantes bens destinados às tropas em conflito e às indústrias de material de guerra. Estávamos na época do "El Dourado" do volfrâmio, necessário às duas partes em conflito para robustecer o aço das máquinas de guerra. Para controlo da pseudo--neutralidade estabeleceram-se na Beirã dois "inspectores", cada um representando as partes em conflito, que com a discrição possível iam controlando os fluxos de mercadorias e, sobretudo, de volfrâmio para cada uma das partes em litígio. Histórias interessantes, mas que ainda é cedo para serem reveladas, nos foram contadas sobre as acções de "vigilância" dos "inspectores" das partes em conflito, que teoricamente teriam que ser inimigos, teoricamente.....


Comércio tradicional da Beirã (2007)

Por esta altura, não havia dúvida, que a população da Beirã era substancialmente mais favorecida economicamente do que as gentes das restantes partes do concelho. Só quando João Nunes Sequeira começa a instalar o "cluster industrial" em Santo António das Areias e adquire e desenvolve a agricultura na Herdade do Pereiro é que vemos algum equilíbrio económico entre as, entretanto, já duas freguesias, separadas a 24 de Junho de 1944, pela mão do então Presidente da Câmara, natural da Beirã, de seu nome Manuel Vivas. Nesta Herdade, considerada à época, entenda-se anos 30 – 60 do século XX, como um exemplo de empreendedorismo agrícola, hoje em ruínas e abandonada, de tudo existia. Para além das estruturas agrícolas, armazéns, lagar, oficinas gerais, fábricas de transformação e secagem, casa senhorial, bairro operário, escola e até

100
95
75
25
5
0

igreja, afrontava o palacete residencial um lindo fontanário quinhentista trazido do Convento das Servas de Borba que era, à época, também propriedade da Família Sequeira. A repartição dos terrenos pelas duas freguesias mostram claramente quem mandava. As terras pedregosas e de fraca capacidade agrícola ficaram afectas à velha Freguesia de Santo António das Areias, os terrenos aplanados e mais férteis, abundantes de água, onde se situam as quatro principais terras agrícolas (Pombais, Pereiro, Vale do Cano e Torre) e as Termas da Fadagosa, ficaram sob a administração da nova freguesia da Beirã.

Hoje a freguesia de Santo António das Areias aguarda por novos investimentos enquanto que a desanexada Beirã tenta sobreviver ao impacto da abolição de fronteiras e posterior encerramento da linha férrea.



Fonte da Herdade do Pereiro proveniente do Convento das Servas de Borba



Depósito de água das velhas locomotivas a vapor



Cantina / Restaurante da Estação da CP da Beirã



Anuncio do encerramentodo Ramal de Cáceres

Nota: Parte deste texto foi publicado em 2016 num pequeno opúsculo, hoje esgotado, da nossa autoria e de Rui Arimateia, promovido pela Junta de Freguesia de Santo António das Areias, intitulado Santo António das Areias e a Festa de S. Marcos.

100
95
75
25
5
0

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1971) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola. O Arqueólogo Português.

Lisboa. III série, Vol. 5.

ALMEIDA, Nelson (2002) – Pré-História antiga no Nordeste Alentejano. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, 185-197.

ARIMATEIA, Rui; OLIVEIRA, Jorge de (2016) – *A Festa de São Marcos em Santo António das Areias – História e Tradições*, Junta de Freguesia de Santo António das Areias, Portalegre.

ARRAIS, Frei Amador (1589-1974) – *Diálogos de Frei Amador Arrais*. Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão – editores (1974), (Cap. X, 114-3 / 115-1), p. 241-242,

ARRUDA, A. M. e CATARINO, H. (1981) – Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão). *Clio*. Lisboa, Vol. 3, p. 183-188.

BACHAREL, Luís *(1992) - Clima e Vegetação na Serra de S.Mamede nos séculos XVI e XVII, Ibn Maruán nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.*

CAMARA, D. João da (1909) – *Os Velhos*, J.A. Rodrigues & Cª. Editores (2ª Edição), Lisboa.

CARDOSO, Pe. Luiz (1751) – *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica*. Lisboa. Tomo II.

CARNEIRO, André (2002) – O fim do império e a cristianização no território da *civitas ammaiensis*: mudança e continuidade no concelho de Fronteira. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 135-157.

COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001) – Terras de Odiana - Subsídios para a sua História Documentada. Edição fac-simile da edição de 1924. Introdução de António Ventura. *Ibn Maruán* (edição especial). 11.

- COMISSÃO NACIONAL DO AMBIENTE (1983) - Carta Litológica - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.

Idem (1985 b) - Carta Agrícola e Florestal - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.

Idem (1985 c) - Humidade do Ar - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.

Idem (1987) - Carta Geológica - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1982) – *Distrito de Portalegre: Marvão, suas freguesias rurais e alguns lugares*. Águeda: Gráfica Ideal.

COSTA, José Maria das Neves (1803) - *Carta militar de huma parte da fronteira do Alemtejo entre o Tejo e a villa de Assumar...*, Arquivo Histórico de Vincennes, Paris (manuscrito)

DIAS, Maria Helena (Coord.) (2007) – Portugal em vésperas das invasões francesas, IGE, Lisboa.

DIAS, Ana C.; OLIVEIRA, Jorge de (1981) – *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*. Assembleia Distrital de Portalegre. Portalegre.

DIAS, J.M. Alveirinho (1973) - *Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 29-A - Retorta, Serviços Geológicos, Lisboa.*

DIEGUEZ LUENGO, Elias (1965) - *Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura, Zephyrvs, XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.*

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra.

ESPINO, David M. Duque (2002) – Aproximación a la evolución del paisaje vegetal neolítico de la cuenca del rio Sever, a partir de los datos antracológicos preliminares de varios monumentos megalíticos. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 199-230.

FERNANDES, Isabel Cristina; MENDES, J. Caria (1985) – Alguns dados bioantropológicos da estação arqueológica dos Pombais (Marvão). *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Lisboa. Instituto de Anatomia Normal. Vol. XXXIX, p. 221-233.

FERNANDES, Isabel Cristina (1985 b) – Espólio da necrópole dos Pombais (I). In *Actas das 1as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Castelo de Vide (1985). p. 101-116.

FERNANDES, Isabel Cristina; OLIVEIRA, Jorge de (1995) – Os mosaicos romanos do Garriancho (Beirã--Marvão). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 5, p. 13-23.

FERNANDES, Lídia Maria Marques (2001) – Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha- Marvão). *O Arqueólogo Português*. Associação dos Arquólogos Portugueses. Série IV, 19, p. 95-158.

FERNANDES, A. Peinador e PERDIGÃO, J. Correia (1973) - *Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 28-D - Castelo de Vide, Serviços Geológicos, Lisboa.*

GOES, Damião de (1790) – *Chronica do Sereníssimo Senhor Rei D. Emanuel, Parte I e II*, Real Oficina da Universidade, Coimbra.

GONÇALVES, Francisco (1971) - *Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste Alentejano, Memória nº18, Nova Série, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.*

GONÇALVES, Francisco (1986) - *Aspectos Geológicos da Serra de S.Mamede, Clube de Biologia e Geologia da Serra de S.Mamede, Portalegre.*

GORDO, A. João (1954) - *No Alto Alentejo. Crónicas e Narrativas, Castelo de Vide.*

IMPORTANTES DESCOBERTAS (1979) – Importantes descobertas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão). *Clio*. Lisboa, 1, p. 178-9.

JALHAY, Eugénio (1947) – Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão). *Brotéria*. Lisboa. XLV, 6, p. 615-633.

LEAL, Pinho (1873-1890) – *Portugal Antigo e Moderno, Diccionario Geographico, Estatístico, Chorografico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, villas e Freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Emprêza Literária Fluminense, Lda.

LEÃO, Duarte Nunes de (1758) – *Descripção do Reino de Portugal*. Lisboa: Of. De Simão Thadeo Ferreira. Cap. 4.

LEISNER, George; LEISNER, Vera (1943-1965) – *Dei Megalithgraber Iberiscishen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.

MACHADO, J. L. ; GORJÃO, Sérgio (1993) – O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas memórias paroquiais de 1758. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 3, p. 51-83.

MANTAS, Vasco Gil (2000) – A sociedade luso-romana do município de Ammaia. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Série Estudios Portugueses. p. 391-419.

Idem (2002) – Libertos e escravos na cidade luso-romana de *Ammaia*. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 49-68.

Idem (2003) – Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão). In *Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*. p. 87-105.

MONIZ, M. Carvalho de (1975) – Marvão «achegas para a sua história). *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. XXVIII a XXXII (1971-1975), p. 3-8.

OLIVEIRA, Jorge de; DIAS, Ana C. (1980) – Arqueologia em Marvão. In *13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge de (1985) – O menhir da Água da Cuba – Marvão. In Actas das 1.as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide. Portalegre.

OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen (1989) – *Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura*. Câmara Municipal de Marvão. Portalegre.

OLIVEIRA, Jorge de (1990) – Aspectos do megalitismo no nordeste alentejano. In *Actas do 1º Encontro Regional de História*. Évora: Universidade de Évora.

Idem (1991) - A estátua romana da Escusa (Aramenha – Marvão). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 1, p.85-96.

Idem (1992) – A Anta dos Pombais – Marvão – notas de escavação. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 2.

Idem (1993) – O rio Sever e as fronteiras no 3º milénio a.C.. In *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*. Câmara Municipal de Vila Velha do Ródão.

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1993-4) – A cidade romana de *Ammaia* na correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, vol. XI-XII, p. 103-134.

OLIVEIRA, Jorge de (1996) – Cidade da *Ammaia* (Marvão). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 6, p. 15--22.

OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Carmen (1996) – Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 6, p. 43--61.

OLIVEIRA, Jorge de (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.

Idem (1998 b) – Antas e menires do concelho de Marvão. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, p. 13-47.

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S.S.S. (1998) – O complexo arqueológico de Vidais na correspondência trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, p. 57-85.

OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998) – Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, p. 193-202.

OLIVEIRA, Jorge de (1999) – Cidade romana de *Ammaia*, S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Universidade de Alcalá. Tomo IV, p. 129-134.

OLIVEIRA, Jorge de (2002) – A cidade romana de Ammaia, documentos para a sua história recente. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 11-48.

OLIVEIRA, Jorge de [*et Al.*] (2005) – São Salvador da Aramenha. História e Memórias da Freguesia. Jorge de Oliveira (Coord.). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão e Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha. 13.

PAÇO, Afonso do (1948) – Epigrafia Amaiense. Monografia oferecida à Academia de Ciências. *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa.* Março, p. 30-31.

Idem (1953) – Carta arqueológica do concelho de Marvão. *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol Para O Progresso Das Ciências, Lisboa (1950)*. 7ª secção, Lisboa. Ciências históricas e filológicas. Associação para o Progresso das Ciências. p. 93-127.

Idem (1953 b) – Populações Pré e Proto-Históricas do concelho de Marvão. In *XVI Congrés Internacional de Geographie*. Lisboa.

PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, (D.) Fernando de (1962) – Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. LXXII.

PATROCÍNIO, Manuel F. S. do (1995) – A cabeça zoomórfica do Museu Municipal de Marvão. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 5. p. 25-39.

PEREIRA, Sérgio *et alii* (2000) – Numismática ammaiense: notas preliminares. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 9-10, p. 55-70.

PEREIRA, Sérgio (2002) – Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (*Ammaia*). *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 99-134.

Idem (2002 b) – A cabeça antropozoomórfica da Quinta do Leão. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p. 169-184.

PERDIGÃO, J.Correia e FERNANDES, A. Peinador (1976) - *Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 29-C Marvão, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.*

PLINIO-O-VELHO – *Naturalis Historia*. Livro XXXVII, 24, 127.

REI, António (2002) – Târiq ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na Cidade de Ammaia (Marvão) em finais de 711 – inícios 712. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 12, p.159-167.

REI, António (1998) – O nordeste alentejano nos geógrafos árabes. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 8, p. 247-250.

RESENDE, André de (1593-1790) – *De Antiquitatibus Lusitaniae, Caeteraque Historica*, quae Extant. Coimbra. 2ª edição (1790), p. 68- 69.

RODRIGUES, M. da Conceição Monteiro (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

SAA, Mário de (1967) – As Grandes Vias da Lusitânia - O itinerário de Antonino Pio. Lisboa. Vol. IV.

SIDARUS, Adel (1991) - Amaia de Ibn Maruán: Marvão. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 1, p. 13-26.

SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de (1616/1984) – *Tratado da Cidade de Portalegre*, *Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins*. Maia: INCM – Câmara Municipal de Portalegre. reedição da edição de 1619).

VASCONCELOS, José Leite de (1935) – Localização da cidade de *Ammaia*. *Ethnos*. Lisboa. I, p. 5-9.

VICENTE, António Pedro (1971-1983) – Arquivo Histórico de Vincennes referente a Portugal, Fundação Gulbenkian, Paris.

VIU, D. José de (1852) – *Estremadura: Coleccion de sus Inscripciones y Monumentos*. Madrid. Tomo I, p. 242-235.